



COMUNIDADE PGEM

Biblioteca Esotérica Virtual
<http://www.pgem.hpg.com.br>

“Filosofia Oculta do Amor e do Matrimônio”

Dion Fortune

SUMÁRIO

PRÓLOGO	3
PREFÁCIO	4
AS MODERNAS CONDIÇÕES DO MATRIMÔNIO	6
A ORIGEM DA MATÉRIA	8
A ORIGEM DO HOMEM	10
A EVOLUÇÃO DO HOMEM	11
OS SETE PLANOS DA EXISTÊNCIA	12
OS SÉTUPLO SER HUMANO	13
O CONCEITO ESOTÉRICO DA VIDA E DA MORTE	15
EVOLUÇÃO E INICIAÇÃO	16
CONCEITO ESOTÉRICO DO SEXO	17
CONCEITO ESOTÉRICO DE MASCULINO E FEMININO	19
Interação entre o Positivo e o Negativo nos Planos Não-físicos.....	20
POLARIDADE NO PLANO FÍSICO	26
POLARIDADE NO ORGANISMO	27
POLARIDADE NOS GRUPOS	30
O MATRIMÔNIO IDEAL	32
AS LEIS QUE GOVERNAM A UNIÃO EM CADA PLANO	35
A DOCTRINA ESOTÉRICA SOBRE AS "ALMAS GÊMEAS"	37
A NATUREZA DOS VÍNCULOS ENTRE AS ALMAS	39
O Vínculo Kármico.....	39
COMO AS ALMAS GÊMEAS SE ENCONTRAM	46
Primeira seção.....	46
Segunda seção.....	48
A DOCTRINA ESOTÉRICA DO MATRIMÔNIO	50
A ATITUDE ESOTÉRICA RELATIVA À CRIANÇA	52

ENSINOS ESOTÉRICOS REFERENTES À PREVENÇÃO DA CONCEPÇÃO E AO ABORTO	55
RELAÇÕES SEXUAIS PROMÍSCUAS E USOS ANTI-NATURAIS DAS FUNÇÕES SEXUAIS ..	57
ABSTINÊNCIA E ASCETISMO	59
CONCLUSÃO	61

PRÓLOGO

O problema matrimonial é um dos mais antigos e mais debatidos em todo o mundo. Muitas têm sido as soluções apresentadas por solteiros e casados de ambos os sexos, e todavia permanece ainda insolúvel para a maioria da humanidade. Não que seja impossível encontrar-se a solução almejada, e sim, que não têm sido considerados todos os fatores que entram em tão complexa equação armada pelo coração humano.

Uns países têm se interessado mais que outros para formar casais felizes, e é penoso constatar-se que estes últimos países constituem a grande maioria.

As estatísticas têm demonstrado que nas nações mais cultas e realistas apenas a quarta parte dos casais pôde estabelecer lares felizes, ao passo que as outras três quartas partes se distribuem entre os desajustados, os divorciados ou separados, e os que se fingem unidos para atender a conveniências sociais, mas em realidade vivem bem afastados. Se entre as nações cultas e realistas se depara com tão desalentador resultado, o que se poderá encontrar entre as nações menos cultas e mais fantasistas ou retardatárias? Muitas destas nem sequer se aventurarão a levantar uma estatística completa e honesta para descobrir a trágica situação da maioria dos casais que as povoam e de cuja estabilidade dependem a grandeza e o futuro dessas mesmas nações. Se o fizessem, teriam inevitavelmente que criar legislação e condições mais compatíveis com amagnitude e complexidade de tão palpitante questão e com as exigências e realidades dos tempos modernos.

Numerosos são já os livros escritos em torno do importante assunto, porém geralmente o têm apreciado unilateralmente, de um só ângulo, predominantemente materialista, quando não especificamente religioso. Representam um passo adiante, construtivo, mas ainda incompleto e insatisfatório. O ser humano não é apenas carne nem apenas espírito, e sim uma síntese da combinação de ambos, e enquanto não se tomar em conta essa sua dualidade estrutural, não será possível a solução integral da terrível incógnita do matrimônio ideal.

A presente obra aborda a questão de maneira suscinta, mas inteiramente nova, porque encara o matrimônio tanto no seu lado exotérico como no esotérico. é mais completa, porque se baseia na verdadeira constituição dual do ser humano e do universo onde ele vive a material e a espiritual e, portanto, mais complexa do que a admitida pelos demais tratados. E além de poder concorrer para auxiliar a formação de lares mais completos e felizes, ela também poderá satisfazer numerosos estudiosos de outros problemas correlatos, como o da educação da infância, da juventude e adultos, o divórcio e a indissolubilidade matrimonial, união e casamento, concepção e maternidade, etc.

Eis o motivo de sua publicação. Oxalá possa ela atingir plenamente seu alto objetivo e concorrer para projetar alguma luz que ilumine e harmonize os casais de coração turbado ou desajustado, ou intensifique a harmoniosa claridade já existente no coração dos demais casais.<

PREFÁCIO

Esta obra, que contém os ensinamentos esotéricos relativos ao sexo, destina-se especialmente àqueles que não têm conhecimentos ocultos sobre esta matéria, mas que, de mente aberta, estão buscando a informação necessária para resolver os problemas da vida. A esses podemos dizer, explicando estas páginas, que cada raça tem sua própria sabedoria secreta tradicional, que jamais se torna pública verbalmente e só se transmite aos que são dignos de recebê-la. Essa tradição segue uma linha ininterrupta até a mais remota antiguidade, convergindo as diferentes correntes tradicionais à medida que se aproximam de sua fonte comum.

A primeira seção apresenta um breve esboço das doutrinas esotéricas em geral, para que as explicações dos ensinamentos ocultos referentes ao sexo possam ser compreensíveis.

Recomendamos ao leitor que procure captar as principais ideias expostas aqui, tratando logo de expressar suas próprias experiências e observações concernentes à vida com a terminologia que aqui empregamos. Convém que se aperceba que, se estas ideias são verdadeiras, terão que produzir-se certos resultados de acordo com as ocorrências contemporâneas. Deve, pois, estar atento aos acontecimentos que se produzem de acordo ou não com as suas antecipações. Desta forma, aprenderá muito acerca da aplicação prática dos ensinamentos esotéricos da forma que é possível a toda pessoa não iniciada nas Fraternidades que custodiam os segredos da ciência oculta.

Mas os que já possuem certos conhecimentos de matéria esotérica, também necessitam de algumas explicações, porque os melhores livros sobre o assunto, sempre destacam os perigos de toda espécie de magia sexual e a condenam decididamente como magia negra e pertencente à senda da esquerda. Todo aquele que tenha alguma experiência prática do assunto convirá em que a afirmação é absolutamente certa relativamente a determinados aspectos e aplicações do lado passional desta grande força. Destes aspectos da questão nos ocuparemos na última parte do livro com o objetivo de que o desprevenido possa ser advertido a tempo e evite os perigos.

O Ocultismo Ocidental, entretanto, difere da tradição oriental, segundo se expõe popularmente nestes países, ao assegurar que as forças sexuais, em seus aspectos superiores, são poderosíssimos agentes regeneradores e que tais aspectos estão completamente divorciados das funções físicas, pertencendo às esferas da mente e do espírito.

Madame Blavatsky, na sua maravilhosa obra clássica de Ocultismo, A Doutrina Secreta refere-se a esta questão com as seguintes palavras:

"Para a produção dos resultados alquímicos tais como o Elixir da Vida e a Pedra Filosofal... o alquimista masculino necessita do auxílio espiritual da mulher; desgraçado, porém, do alquimista que interpretar isto no sentido literal da união física. Semelhante sacrilégio não passaria de magia negra e o fracasso seria imediato. Os verdadeiros alquimistas de antanho costumavam usar mulheres idosas, evitando cuidadosamente as jovens, e se já estavam casados, tratavam suas esposas durante meses como irmãs, antes e depois das operações."

Embora as doutrinas das escolas Oriental e Ocidental da ciência esotérica sejam praticamente idênticas, seus métodos de preparação e treinamento de seus iniciados são fundamentalmente distintos, trabalhando, como na realidade o fazem, sob diferentes Raios e distintos Mestres. Não há contradição alguma nesta asserção, porque todos os raios, no sentido esotérico da palavra, procedem do Sol divino. A tradição oriental tem uma

literatura magnífica, e se desenvolveu e cresceu até converter-se numa árvore grandiosa, que proporciona sombra à vida das raças que se desenvolvem debaixo dela, e honrada por todos, até pelos que menos a conhecem. A tradição ocidental perdeu quase todos os seus antigos documentos durante os séculos de perseguições, mas ainda conserva as chaves da Porta e podem abri-la aos que o desejem.

As escolas oriental e ocidental diferem grandemente em sua atitude para com essas forças e fatos da vida, que costumamos sintetizar sob o nome de sexo. Para o oriental, a mulher é um ser inferior, muito menos desenvolvido que o homem em todo sentido; enquanto que os ocidentais, pelo contrário, em muitos casos a consideram muito superior ao homem, sendo a inspiradora e a guardiã do ideal. Estas diferentes atitudes refletem-se nos sistemas esotéricos de cada tradição. O ocultista oriental raras vezes encontra nas mulheres que moram no purdah o desenvolvimento intelectual e espiritual que as tornem compatíveis com um companheirismo em sua tarefa tão exigente, e nessa obra, se não se puder usar o sexo em seus aspectos mais elevados, ele terá que ser eliminado completamente. Daí que a tradição oriental não considere em nada a contribuição esotérica feminina em relação com o sexo e a vida racial. Na tradição ocidental, por outro lado, a mulher desempenha uma parte importante, tanto ou mais do que a que tem na vida social e política.

Sejam quais forem as diferentes condições que prevaleçam nas raças que segregam suas mulheres, ninguém pode negar o papel preponderante que exerce o elemento sexual na vida superior das raças anglo-saxônicas. Muitos iniciadores orientais fracassaram com seus discípulos ocidentais, devido à sua incapacidade para apreciarem a grande importância deste elemento na vida de seus estudantes. Pode existir perfeitamente um propósito sincero e elevadíssimo de partilhar a verdadeira sabedoria, mas nem sempre existe a devida compreensão da constituição dos ocidentais. Quando se despertam os centros superiores, eles se põem a funcionar de acordo com o tipo de atividade que o Raio ocidental construiu no veículo ou corpo ocidental, e se tal coisa sucede, se produz uma grande confusão caso o Raio e o veículo não sejam devidamente compreendidos.

Não podemos dar muitas informações num livro desta natureza, mas apenas o suficiente para servir de chave para aqueles que já tenham experiência própria. A tensão nervosa, tão comum entre os estudantes da ciência esotérica, se deve, na maioria dos casos à inaptidão para assegurar uma distribuição adequada das forças vitais entre os veículos.

O AUTOR

AS MODERNAS CONDIÇÕES DO MATRIMÔNIO

Há algum tempo, um estadista afirmou que, na Inglaterra, 25 por cento dos casados viviam separados permanentemente na prática; 50 por cento viviam juntos, ainda que sem amor, e os restantes 25 por cento eram felizes. Desta maneira, só uma quarta parte dos casamentos realizados na Inglaterra preenchia seu objetivo, o que significa que cada pessoa que se casa tem só uma probabilidade contra quatro de ser feliz. Ninguém que tenha observado a vida familiar de seus amigos e vizinhos considerará os dados citados como pessimistas. Quiçá poderíamos até perguntar-nos se realmente existem 25 por cento de casais felizes e se essa cifra não é exagerada.

Nos Estados Unidos, o país do divórcio fácil, calculou-se que a percentagem de casais felizes chega a alcançar 50 por cento. Disso se deduz que a estabilidade matrimonial não depende da pobreza ou do tédio, mas especialmente da escolha inadequada de um cônjuge. Duas pessoas que tornem a vida impossível uma à outra, podem, contudo, uma vez instruídas pela experiência, casar-se novamente e serem felizes, sempre que a primeira união possa ser dissolvida.

Existem atualmente vários livros admiráveis que explicam ao leitor comum a filosofia da vida sexual, e esses livros têm sido de grande valor para diminuir o sofrimento e miséria humanos causados pela ignorância. Mas não lograram resolver todo o problema e não nos dizem por que dois seres humanos, são e sensatos, fracassam em seu intento de realizar os mais elevados aspectos do amor, perdendo assim o melhor que a vida pode oferecer. E esses livros tampouco explicam por que duas pessoas goza de elevada estima nos círculos de suas atividades, podem exercer um efeito tão devastador sobre a outra, sem que para isso se precisa de uma só palavra, de um só ato de egoísmo, de tal modo que a simples companhia se torne para ambas uma verdadeira desgraça.

As intuições de toda a Humanidade declaram que o matrimônio pode conter a maior felicidade e o maior bem da vida, mas é raríssimo comprovar ou ver justificada essa intuição. Todavia, quando isso ocorre, a felicidade obtida é tão grande e sua influência sobre os demais é tão transcendental e elevadora no meio em que vive o casal, que todos os infortúnios matrimoniais dos demais ficam mais que contrabalançados por essa união feliz e completa.

Que conduta deveríamos, pois, seguir, com respeito ao matrimônio, na sociedade civilizada? Deveríamos imitar os gregos, que não pediam a suas esposas senão herdeiros, enquanto buscavam por companheiras de seus corações e de sua mente mulheres livres e solteiras, hoje consideradas cortesãs? Deveríamos enfraquecer os vínculos matrimoniais, facilitando o divórcio, de acordo com as leis norte-americanas? Ou devemos continuar com o presente estado de coisas, e arriscar tudo numa escolha única e irrevogável? Cada um desses planos tem suas desvantagens. De acordo com o sistema grego, as mulheres de elevada evolução rara vez davam filhos à raça, porque as mulheres de costumes promiscuos são geralmente estéreis. Além disso, as mães da nação, premiadas só por sua fecundidade, recebiam muito pouca cultura intelectual ou de caráter, por cujo motivo não serviam para educar seus filhos, já que elas próprias careciam da educação necessária.

Atualmente estão todos de acordo em que as influências da primeira infância são extraordinariamente importantes no que se refere à formação do caráter, e que as mulheres ignorantes e inexperientes não podem transcender suas próprias naturezas e dar a seus filhos o que elas mesmas

não possuem. Diz-se que o fracasso da Turquia em produzir um elevado padrão de caráter nacional entre suas classes dirigentes se deve justamente ao atraso e incultura das mães encerradas nos haréns, enquanto que os camponeses, que não tinham meios para manter reclusas suas mulheres, eram de um caráter muito mais elevado.

Pelo sistema norte-americano do divórcio, parece fácil resolver esse problema; porém, enquanto não tiver sido experimentado por um século inteiro, não se podem expressar mais que opiniões provisórias. Considere-se que a grande maioria dos cidadãos da classe média anglo-saxônica não se aproveita tão facilmente dessas liberdades; as classes ricas e os negros são os que concorrem com a maior percentagem de divórcios.

As consequências da facilidade do divórcio nas classes ricas são duplas: em primeiro lugar, parece que se quebra o caráter, surgindo a tendência de fugir das responsabilidades e de não tomar nada a sério; enquanto que, por outro lado, não se chega às profundidades da vida e do amor em uniões que se rompem facilmente, aumentando, por seu turno, a sensualidade. Em segundo lugar, os filhos dos divorciados carecem de vida familiar, de educação sistemática e de disciplina. Um padrasto ou madrasta, por mais conscienciosos que sejam, jamais poderão substituir alguém para quem o filho é sangue de seu sangue. Todos os que têm tratado de criar uma família de órfãos, sabem perfeitamente que nada há que possa substituir a influência da mãe durante a infância, ou a do pai durante a adolescência, e que a criança privada dos pais ingressa na vida com enorme desvantagem. Ao considerar as melhores condições do matrimônio, não devemos esquecer os direitos daqueles para os quais se instituiu o matrimônio: os filhos. Finalmente, o sistema inglês pelas mesmas estatísticas não vai bem e não está dando bons resultados. O padrão do matrimônio anglo-saxônico é o mais elevado do mundo e também o mais difícil de ser atingido. Que fazer, então? Rebaixar nossos padrões? Ou tratar de descobrir as leis que governam a felicidade matrimonial e regulam suas condições? O ramo americano da raça apelou para o primeiro processo, ao passo que o ramo antigo adere desesperadamente aos seus ideais.

E com a esperança de que o conhecimento possa contribuir para aliviar a situação antes que o sofrimento desesperado dê lugar a remédios igualmente desesperados é que decidimos oferecer estas páginas ao leitor. Elas estão baseadas nos ensinamentos dados numa das escolas esotéricas do Ocidente.

Rogamos ao leitor que suporte pacientemente, sem se deixar envolver pelos preconceitos de sua ignorância, a técnica de uma estranha filosofia, aceitando qualquer luz que ela possa projetar em seus problemas vitais.<!

A ORIGEM DA MATÉRIA

A ciência esotérica estabelece como premissa a existência do Grande Imanifestado, que poderia ser concebido como um oceano ilimitado de energia latente, que se encontra em todas as coisas e do qual deriva a substância e a vida de tudo. Este conceito corresponde ao conceito exotérico de Deus.

Em segundo lugar, concebe o fluxo desse oceano como uma corrente direta, porém limitada; o que corresponde ao conceito exotérico da energia.

Em terceiro lugar, ela concebe essa energia agora manifestada pela intersecção de suas linhas de força, como se formasse vórtices que, pela oposição das forças produzem certa estabilidade. Esses vórtices de energia concentrada, girando sobre seus próprios centros, em vez de se lançarem em linha reta pelo espaço, constituem as unidades de estabilidade que, em suas diversas combinações, formam as diversas espécies de matéria. A ciência esotérica reconhece mais formas de matéria do que as conhecidas pela física e pela química. Primeiro, reconhece os vórtices originais da estabilidade; segundo, suas combinações em sete tipos simples de moléculas; terceiro, concebe combinações dessas moléculas em estruturas mais densas e complexas; e, quarto, as outras combinações, com as quais essas estruturas relativamente complexas formam as unidades. Em resumo: distingue o átomo primário de manifestação que surge do Grande Imanifestado e sete tipos de moléculas. Essas grandes divisões da matéria são conhecidas esotericamente como os Sete Planos de Manifestação, sendo que a matéria de que se compõe nosso mundo material (o único conhecido pelos cientistas exotéricos), forma as subdivisões mais densas e inertes e é a última que se formou no curso do tempo evolutivo. Portanto, é fácil ver que o cientista esotérico tem diante de si, para seu estudo, um universo sete vezes maior do que o universo conhecido pelo cientista exotérico.

Esses Sete Planos, embora tivessem surgido do Imanifestado como Primeira Causa, têm entre si relações causais imediatas. De maneira que o Primeiro Plano, ao desenvolver-se, dá lugar ao Segundo e determina suas manifestações; o Segundo, ao Terceiro, e assim sucessivamente, até chegar ao Plano final da matéria física, que pode ser chamado de Plano dos Efeitos, onde se podem observar as atividades dos planos mais sutis e colher suas consequências.

Assim, pois, o ocultista que conhece as leis de um dos planos superiores pode controlar as condições de todos os planos inferiores a esse, o qual, por sua vez, será controlado por quem quer que seja conhecedor de um plano superior àquele. O controle final reside na natureza inerente à Primeira Manifestação.

O objetivo deste ramo da ciência esotérica, popularmente chamada Magia é obter o controle das condições de cada plano agindo sobre as energias do plano imediatamente superior, que age como plano causal em relação ao inferior. A Magia Branca utiliza esses conhecimentos para harmonizar e elevar a existência de acordo com as tendências progressistas da evolução, sem absolutamente excluir de seus benefícios nada que, por sua natureza, seja capaz de recebê-los. A Magia Negra pode ser definida como sendo o uso desse conhecimento superior no sentido de fazer com que qualquer parte da existência ou da vida retrograde a uma fase de evolução inferior à que já havia alcançado, ou ainda, no sentido de tratar de beneficiar qualquer secção da manifestação às expensas do resto.

A ORIGEM DO HOMEM

Tendo concebido a primeira efusão de energia, ou Efusão Atômica, cuja unidade de manifestação é o vórtice primordial, chamado átomo, cujo desenvolvimento forma a substância da matéria de cada plano de manifestação, ele concebe a seguir uma segunda efusão, ou Efusão Monádica, cuja unidade de manifestação é a Mônada, ou centelha da consciência divina, cuja evolução leva ao desenvolvimento da alma humana e aos pontos culminantes que se situam além.

Esta Mônada ou centelha da consciência espiritual forma ao seu redor um corpo composto por átomos do plano imediatamente inferior ao dela, cujo corpo se modela de acordo com as linhas de força inerentes a essa Mônada espiritual, da mesma maneira que as partículas de uma substância cristalina que se encontram em uma solução vão se precipitando segundo as linhas de força do cristal que lhes deu origem, porque a animação da vida determina a configuração do corpo.

Cada plano é, comparativamente falando, um plano de força vital que flui livremente se comparado com a relativa densidade do plano inferior, cuja substância constrói para si um veículo para confinar suas energias, de maneira que possam ser dirigidas a fins específicos.

Assim, pois, a Mônada, como uma vida incondicio-nada, forma para si um veículo com a matéria do plano inferior, cujo veículo, se bem que material, comparado com a densidade do plano que o anima, não é material, comparado com o plano imediatamente inferior.

Esta unidade recém-formada de duas matérias pode formar para si sucessivos corpos de manifestação nos planos inferiores. Desta maneira vão sendo construídos os veículos, dando cada um deles maior definição e limitação à expressão da vida interior que o anima, e sendo cada um deles, metaforicamente, como que capas concêntricas em torno do núcleo da Mônada espiritual, até que aparece a forma última do plano material, o corpo físico, conforme o conhecemos.

Por isso segundo a ciência esotérica, o ser humano é uma criatura sétupla, e não uma simples dualidade de mente e corpo. A ciência esotérica declara que o ser humano tem um veículo composto pela matéria de cada plano de manifestação, sujeito às leis e condições desse plano e capaz de funcionar ali e em nenhuma outra parte. Cada veículo é construído e controlado pelo veículo do plano superior, enquanto o centro de todos eles, a Mônada, deriva sua substância do 1 manifestado, como de um reservatório infinito de constante pressão.<

A EVOLUÇÃO DO HOMEM

Vimos que a Mônada vai construindo seus corpos, com a matéria que se vai desenvolvendo em cada um dos sucessivos planos inferiores, no curso da primeira Emanação. Veremos a seguir como ela aprende a usar esses corpos. No princípio de sua evolução, ela se desenvolve por acrescentamento, como acontece no reino mineral, agregando corpo sobre corpo, até alcançar o último plano, tomando, então, uma forma sétupla. Depois, ela já não agrega mais corpos, porém cresce em complexidade, corpo após corpo, começando pelas organizações do último a ser desenvolvido, o corpo físico. Portanto, este último chega à perfeição enquanto os veículos mais sutis continuam sem se desenvolver, como meras potencialidades.

A Mônada, como temos dito, é uma chispa da consciência divina, sensível às condições de seu plano de manifestação. Logo que junta em torno de si um veículo de matéria do plano inferior ao seu, ela obscurece a consciência de seu próprio plano, mas estende-a ao seu veículo, e assim sucessivamente, através de todos os planos, até que se desenvolve o corpo físico. Neste plano, a Mônada enterrada só tem consciência direta de um plano: a princípio muita vaga, dada a primitiva organização de seus ciclos evolutivos iniciais; depois vai crescendo em clareza, conforme se vão desenvolvendo os órgãos dos sentidos até chegar à maravilhosa capacidade da vista e do ouvido humanos.

Em continuação, começamos a ver o desenvolvimento de outro sentido mais maravilhoso, esporadicamente, porém num número cada vez maior de indivíduos. Vamos encontrando pessoas possuidoras de sutilezas que escapam aos cinco sentidos físicos; são sensíveis aos estados emocionais de seus semelhantes e podem até ler seus pensamentos. Isto significa que a evolução está produzindo a organização do próximo corpo a ser desenvolvido e que os órgãos dos sentidos começam a perceber as condições do plano a que correspondem. E desta maneira, a evolução irá colocando cada corpo em funcionamento, até que todos os sete corpos estejam organizados e relacionados e a Mônada tenha adquirido a sua completa expressão.

OS SETE PLANOS DA EXISTÊNCIA

Geralmente, designam-se por números os vários Planos de Manifestação, porém a numeração não vai de cima para baixo, na ordem em que se produz sua manifestação e na qual, para maior clareza, os temos apresentado ao leitor, senão que vai de baixo para cima, na ordem em que vão se tornando perceptíveis ao esoterista que está desenvolvendo sua clarividência. E como esta nomenclatura foi estabelecida pelo hábito, continuaremos a empregá-la para não confundir aqueles que já estão familiarizados com a matéria.

O Sétimo Plano, conhecido também pelo nome de Plano Espiritual Superior, ou Plano do Espírito Puro, ou Plano do Espírito Abstrato, é a primeira fase da manifestação. Extrai sua substância e energia diretamente do Grande Imanifestado, o qual para usar o método pictórico, o único mediante o qual se pode ensinar a ciência esotérica é lícito conceber-se localizado imediatamente acima do Sétimo Plano, como se fosse um reservatório de um infinito potencial, que, ao dinamizar-se, converte-se no Sétimo Plano de Manifestação. Neste plano não há diferenciação nenhuma e é o plano em que "O Todo é Um e o Um é o Todo". Não há mais do que duas características: a primeira, é uma harmonia absoluta; e a segunda, uma tendência a combinar suas partículas entre si. No princípio de uma evolução, manifesta-se, neste plano, a Essência Monádica, na qual podemos conceber como flutuantes os inumeráveis núcleos de vida, as mônadas, que eventualmente se converterão em vidas humanas individualizadas.

O Sexto Plano, Espiritual inferior ou Plano do Espírito Concreto. No curso das idades do tempo cósmico, a evolução leva a organização da essência monádica à fase do Sexto Plano. Aqui notamos que surgem sete tendências distintas, sete fluxos ou correntes, chamados de Sete Raios, que são designados pelo nome das cores; acredita-se que as mônadas, que estão como que flutuando em cada uma dessas correntes de tendência espiritual, evoluirão até chegar à sua última perfeição, mercê de diferentes tipos de atividade. Esta parcialidade não implica num desenvolvimento unilateral, mesmo que todos os elementos estejam presentes, um deles predominará e dará a tônica. A característica principal do Sexto Plano é a Tendência.

O Quinto Plano, o Mental Superior ou Plano da Mente Abstrata, é o que promove o desenvolvimento das qualidades da essência monádica e sua diferenciação em tipos. Daí em diante, já não podemos falar de Essência Monádica, porque neste plano os núcleos de vida se põem em função, e a Vida se converte em vidas.

O Quarto Plano, o Mental Inferior ou Plano da Mente Concreta, caracteriza-se pela limitação que, embora restrinja, proporciona uma exatidão, que falta nos planos superiores. É o plano do pensamento concreto e é caracterizado pela memória.

O Terceiro Plano, ou Astral Superior, é o plano das emoções, e caracteriza-se por sua responsividade à atração, pelo desejo de união.

O Segundo Plano, ou Astral Inferior, é o plano dos instintos e das paixões, o plano psíquico, e caracteriza-se pelo desejo de atrair ou possuir.

O Primeiro Plano, ou Plano Físico, é o mundo material que conhecemos como seres humanos, encarnados em corpos de sangue e carne.

OS SÉTUPLO SER HUMANO

Pelas considerações anteriores torna-se óbvio que o ser humano compõe-se de substâncias procedentes de cada um dos sete planos de existência; por meio dos elementos que compõem sua natureza ele se põe em contato com esses planos e, se lhe faltasse um elemento próprio de qualquer um desses planos, ele não poderia realizar as funções próprias desse plano. Assim, se a uma pessoa faltasse a substância derivada do terceiro plano, essa pessoa não possuiria afeições ternas e seria incapaz de senti-las em si mesma ou de compreendê-las nos demais.

Cada uma das substâncias próprias dos sete planos está organizada de acordo com as leis de seu próprio plano, e a literatura esotérica refere-se a elas como "corpos", embora a expressão "estado de consciência" desse uma impressão muito mais exata do significado esotérico desse termo.

Deixemos que o leitor, para compreender as implicações desta doutrina esotérica, imagine a si mesmo como possuidor, além de um corpo físico, formado com a matéria do primeiro plano, a cujas condições reage, de um sistema organizado de instintos e de paixões nascidas desses instintos. Deixemos, também, que, mediante a indução simpática da paixão em si mesma (fenômeno muito comum), ele se imagine capaz de perceber as paixões alheias. E que ele chame a esse aspecto de sua natureza de corpo psíquico ou passional, e que o imagine funcionando no Segundo Plano, ou Plano Astral Inferior.

Deixemo-lo então conceber a sua natureza emocional como algo similarmente organizado e relacionado com seu próprio plano de existência, e que faça o mesmo com suas faculdades de raciocínio, com sua capacidade de pensar abstratamente e, afinal, com sua natureza espiritual e com essa centelha básica da vida divina que constitui o núcleo sobre o qual se forma sua existência individualizada.

Desta forma podemos compreender que a natureza do homem tem, por assim dizer, sete aspectos distintos, a cada um dos quais a ciência esotérica se refere como corpos.

No curso da sua evolução, pensa-se que a Mônada vai se envolvendo com a matéria de cada plano; porém é preciso que decorram longos períodos de tempo de experiência e desenvolvimento antes que as citadas massas de matéria se organizem em corpos definidos e adequados, capazes de funcionar subjetiva e objetivamente. Noutras palavras, muito tempo terá passado até que tais corpos estejam suficientemente evoluídos para poderem levar a cabo as funções de seus respectivos estados de existência e se tornarem conscientes das condições externas de seus próprios planos de manifestação.

O corpo físico funciona e se apercebe do ambiente que o circunda por meio da sua consciência direta; porém, no ser humano comum esse é o único corpo que alcançou até agora esse duplo desenvolvimento. No entanto já existem nele, suficientemente desenvolvidos para funcionar subjetivamente, os corpos correspondentes ao Segundo, ao Terceiro e frequentemente, nas raças civilizadas, ao Quarto Plano. Não obstante, não é comum encontrar-se alguém com o corpo correspondente ao Quinto Plano já desenvolvido, tendo consigo o poder do pensamento abstrato. E é muitíssimo mais raro ainda encontrar um verdadeiro desenvolvimento da natureza espiritual, que difere das ideias emocionais pertencentes ao Terceiro Plano, confundidas frequentemente com a verdadeira espiritualidade.

Num ser humano mais evoluído podemos observar o desenvolvimento de um ou mais corpos sutis, o que lhe permite a percepção de seu meio ambiente

pela consciência direta, em lugar das impressões subscientes, como acontece com o ser humano não evoluído. Desta forma, em vez de ser meramente influenciado subscientemente pelos estados emocionais de seus semelhantes, "sem saber realmente o que é que se passa", como acontece geral mente, o ser humano evoluído está plenamente consciente dos sentimentos de seus semelhantes. A evolução já está desenvolvendo os corpos sutis, como o prova o fato de que o que chamamos psiquismo vai se espalhando cada vez mais em suas manifestações menores.

No que se refere ao homem, muitos não percebem exatamente que, embora a síntese de todos os estados de consciência seja a mais elevada forma de existência, é perfeitamente possível, concentrando-se em qualquer estado determinado de consciência, limitar a atenção a um só estado, percebendo desta forma, como mundo próprio, o plano de manifestação ao qual corresponde esse estado de consciência. Quando uma pessoa procede assim, diz-se que "está funcionando em seu corpo astral no Terceiro Plano", ou em sua mente concreta no Quarto Plano; e, enquanto está assim ocupada, a forma física, ao conseguir a separação entre consciência e sistema nervoso, encontra-se em estado de transe.

Os que têm o conhecimento necessário, põem-se em estado de transe à vontade, para assim conseguir a extensão da consciência até planos com os quais não se podem pôr em contato de outra maneira, no atual estágio de desenvolvimento. No entanto, sabe-se muito pouco até onde chega esta expansão da consciência involuntariamente durante o sono, entre as pessoas que evoluíram algo além da média. O verdadeiro objetivo da evolução não é, no entanto, segregar a consciência, porém correlacioná-la, e o sistema de utilizar o transe para transcender a consciência física não passa de um simples expediente temporário.

O CONCEITO ESOTÉRICO DA VIDA E DA MORTE

A ciência esotérica afirma a eternidade da vida. Seu conceito central está contido na palavra Reencarnação, o que implica uma unidade permanente de existência a animar uma sucessão de corpos perecíveis. Para que este conceito se torne claro é preciso lembrar que Individualidade e Personalidade constituem dois aspectos distintos do ser humano. A individualidade está composta pelos três corpos superiores, isto é, a chispa do espírito puro do Sétimo Plano, a natureza espiritual concreta do Sexto Plano e a mente abstrata do Quinto Plano. Uma vez evoluídos, esses corpos têm a duração dessa evolução, para serem, afinal reabsorvidos no Infinito como centros de irradiação organizados. Os quatro corpos inferiores a mente concreta, a natureza emocional, a natureza passional e o corpo físico são considerados invólucros temporários compostos pela matéria de seus respectivos planos, que a Individualidade utiliza como veículo e que, coletivamente, compõem o que chamamos de Personalidade.

Forma-se a Personalidade com o objetivo de permitir que a Individualidade, que é informe, adquira experiência no mundo das formas. Tal personalidade é abandonada tão logo se gaste e diminua a sua utilidade, enquanto as experiências pelas quais passou a Individualidade são absorvidas, como alimento necessário ao seu desenvolvimento. É assim que a individualidade evolui através das idades, ao passo que as numerosas personalidades com ela relacionadas apenas se desenvolvem, vivem, envelhecem e morrem; mas como cada Personalidade é construída sobre uma Individualidade evoluída, ela sempre será de um tipo superior à que a precedeu.

A Individualidade é, pois, a Unidade de Evolução, enquanto que a Personalidade é a Unidade de Encarnação.

Da doutrina da reencarnação surge a teoria esotérica do Destino. A palavra Destino, é preciso dizê-lo, é sinónimo de Karma, utilizada nas escolas orientais.

O Destino de um ser humano representa a soma total das causas que ele pôs em movimento em suas vidas passadas, causas que determinam as condições do presente. Mas novas causas vão sendo introduzidas constantemente pela ação modificadora da vontade, fazendo, portanto, que o destino não tenha esse caráter de inevitabilidade que lhe dá a escola exotérica, senão que consiste, antes, numa influência que, em vez de determinar, condiciona. É verdade que algumas das causas postas em movimento no passado são tão fortes que não há esforço de vontade possível que as detenha em seu caminho, tendo que contemplar como se esgota totalmente a força posta em movimento. Mas sempre, pela sua vontade, o homem pode determinar o modo como irá reagir a elas: se se deixará esmagar ou purificar; se se deixará exaltar por uma oportunidade bem aproveitada ou degradar por abuso.

Por conseguinte, a ciência esotérica ensina que, embora o ser humano tenha de resolver seus problemas no meio onde se encontrar, em qualquer vida que lhe seja dada, dentro do pequeno espaço de tempo que lhe for concedido e ele não tenha a vontade livre, assim mesmo ele pode determinar as causas que criarão seu futuro, de modo a fazer de si mesmo o que bem desejar.

EVOLUÇÃO E INICIAÇÃO

Pelo que antecede, vimos que a ciência esotérica concebe o ser humano como uma entidade que evolui do sub-humano para os estados de consciência do psíquico, do inspirado e do iluminado. A grande corrente da evolução arrastará até o ser mais degradado à altura do espírito no curso do tempo, mas terá de passar um período de tempo tão longo para chegar à consumação deste processo quanto o transcorrido para trazer o ser humano até o seu estado atual de desenvolvimento. Existe, contudo, um sistema para acelerar a evolução, conhecido sob o nome de Iniciação, em que, mediante o emprego deliberado de seu raciocínio e de sua vontade, o ser humano pode fazer rapidamente por si mesmo o que a evolução está fazendo mui lentamente por todo o ser vivente.

A vida não surgiu toda de uma vez do Grande Imanifestado, mas, sim, sob forma de uma corrente ou de uma procissão, de tal maneira que, embora todos sigam o mesmo caminho, uns estão mais adiante que outros, e por isso conseguem alcançar altos estados de desenvolvimento, enquanto seus irmãos ou estão esperando o momento de sua manifestação ou só alcançaram as primeiras etapas da evolução. Esses Irmãos Maiores, estejam ainda encarnados ou tenham passado a estados em que já não usam corpos físicos, impulsionados pelo mesmo sentimento filantrópico que nos faz cuidar dos fracos e ignorantes no plano físico podem dedicar-se a instruir e auxiliar os que o merecerem e forem capazes de se beneficiar realmente com o seu auxílio.

São muitos os indivíduos que têm sido treinados pelos Irmãos Maiores, e esses discípulos constituem a vanguarda da evolução. Estes, por sua vez, instruem outros, que serão seus sucessores, de tal maneira que a evolução pode ser considerada como o vôo do pato selvagem, no qual o mais forte enfrenta a maior pressão do ar no vértice do triângulo, enquanto o mais fraco voa bem atrás.

Se a natureza moral, intelectual e espiritual de um ser humano está bem desenvolvida, ou, para empregar a terminologia esotérica, se seus corpos sutis estão se organizando, então ele pode ser escolhido pelos Irmãos Maiores para receber um treinamento especial. No começo, as instruções lhe são enviadas telepaticamente, para sua mente subconsciente e, desde que tenha progredido suficientemente desta forma, ele será posto em contato com os discípulos dos Irmãos Maiores que se encontrarem no plano físico, e tais discípulos o ensinarão e prepararão conscientemente, pelos meios adequados a esse plano: a palavra falada ou escrita.

Mais tarde, depois de feito progresso suficiente, os Irmãos Maiores e Menores, conjuntamente, mediante o processo conhecido como Iniciação, correlacionarão a subconsciência com a consciência.

Ao chegar a este ponto, o leitor poderá perguntar como pode alguém pôr-se em contato com os Mestres? Pouco podemos dizer a respeito, porque se trata de uma questão de experiência interna. Bastará dizer que o desejo, se for bastante forte e suficientemente persistente, acabará por rasgar o véu e o contato desejado será feito. Dali em diante, a senda se abre e o discípulo começa a avançar.

CONCEITO ESOTÉRICO DO SEXO

Para compreender o conceito filosófico-esotérico do sexo teremos que recordar que, para o ocultista, o mundo é sete vezes mais complexo do que o supõe o filósofo exotérico, porque, para o primeiro, o mundo físico não é mais que um dos Sete Planos da Manifestação, constituindo o fenómeno que conhecemos como sexo um aspecto dessa força que opera em todos esses sete planos.

Até a ciência exotérica está começando a reconhecer que o sexo tem um duplo aspecto: emocional e físico. A ciência esotérica declara que o sexo também tem aspectos mentais e espirituais, além dos que em geral lhe são atribuídos. Em cada plano essa força se expressa de maneira diferente, funcionando de acordo com as leis do respectivo plano, porque todos os elementos sexuais que se encontram nos sete planos, combinados na devida proporção, são essenciais para os mais elevados tipos da vida sexual.

Por outro lado, deve-se ter em conta que é nos planos sutis que se originam e controlam as forças sexuais. E, só compreendendo as manifestações do sexo e as leis que o governam nesses planos é que podemos esperar controlar a sua ação em nós mesmos e na sociedade.

O esoterista não usa a palavra "sexo" como nós a usamos. Ele fala em "força vital", que ele concebe como uma energia de caráter eletro-hidráulico, uma atividade vibratória radiante e magnetizante, parecida com a da eletricidade, com a qual está muito estreitamente aparentada, sendo também capaz de compressão e de exercer pressão tal qual a força hidráulica.

Essa força de acordo com a sua concepção, irradia-se da Grande Causa Primeira e é, portanto, divina em sua natureza, expressando-se por intermédio dos diferentes veículos que as mônadas construíram nos diferentes planos, e ficando condicionadas pela natureza do plano em que opere, sendo ainda mais limitada pelas imperfeições e particularidades de cada veículo individual.

Assim, ainda que a força vital possa sofrer muitas transmutações e até ser empregada para fins completamente distintos dos de seu impulso original, ela sempre é divina por sua origem e natureza, e deve ser reverenciada como algo sagrado pelo indivíduo através do qual ela funciona como um depósito sacrossanto que lhe foi confiado para ser administrado sob a direção da mesma Vontade Divina, com todas as espécies, entre as quais ele não é mais que um simples beneficiário.

Essa força vital é a força que mantém a existência das formas viventes contra as forças desintegradoras que constantemente tratam de reduzir todas as substâncias especializadas à sua origem comum. Esta é a primeira função da força vital: sustentar em manifestação tudo o que já conseguiu alcançar uma forma e mante-la no nível de evolução a que ela chegou. Agindo assim, é conhecida como a Vida Preservadora e então é concebida como uma unidade.

Possui também uma segunda missão, que é a criação de novas formas, e aí funciona como se tivesse dois pólos, como uma dualidade com aspectos positivos e negativos; e é a esta fase da atividade vital que o conceito exotérico do sexo está relacionado.

Para a manutenção da vida, uma só força é suficiente; mas para as demais formas da criação fazem-se necessárias duas forças, uma das quais terá de estar em ação, enquanto a outra permanecerá inerte. Vale dizer, a primeira força será uma velocidade, enquanto a segunda ficará aprisionada, de forma a ser colocada em liberdade pelo estímulo da velocidade.

Temos, pois, nestas duas forças, uma que está tratando de se gastar para chegar a um estado de equilíbrio, enquanto a outra permanece inerte, em potencial, à espera de estímulo. A última, a força feminina, pode ser comparada a uma carga de dinamite, em cujas partículas está concentrada a energia em forma latente; enquanto que a primeira, ou força masculina, pode ser comparada a uma chispa elétrica, ou ao golpe de um martelo que libera a energia latente.

Estas duas forças são as que o esoterista chama de positiva e negativa, masculina e feminina, sendo a força positiva, ou masculina, a estimuladora, e a força negativa, a feminina, mercê de sua energia latente, a que realiza o verdadeiro trabalho de criação sob a influência do estimulador masculino, tornando-se imediatamente impotente uma vez esgotada a energia do impulso estimulante. Onde quer que se encontre esta ação ou reação em operação, o esoterista considera que a relação sexual está presente, quer se trate do reino mineral, quer se trate do mundo da mente.

CONCEITO ESOTÉRICO DE MASCULINO E FEMININO

Disse Alguém que sabe das coisas que no Reino do Céu não há pessoas casadas, ou casamentos, o que faz supor a muitas pessoas, erradamente, que o ser humano espiritual careça de sexo. A ciência esotérica, no entanto, não só não o concebe como assexuado mas, pelo contrário, como bissexual; e, portanto, completo em si mesmo. A individualidade é bilateral, positiva e negativa; tem uma fase dinâmica e outra estática, e é, portanto, masculina e feminina, ou feminina e masculina de acordo com a relação existente entre "força" e "forma" em sua estrutura. A personalidade, porém, é unilateral e tem um sexo definido. A individualidade pode ser imaginada como um magneto, o qual tem um pólo positivo e outro negativo, e que a natureza do pólo que se tenha inserido na matéria densa é que determinará o sexo do corpo que se formou ao seu redor.

A individualidade, cuja vida é uma evolução, tem esses dois aspectos em sua natureza; porém, a personalidade, cuja vida é uma encarnação, não possui mais do que um aspecto em funcionamento, ficando o outro latente e sem se desenvolver. Isto é bem ilustrado pelo caso das abelhas, nas quais o tipo de alimentação determina qual o sexo que irá se desenvolver, e também no corpo humano, onde sempre se encontram os órgãos característicos do outro sexo em forma rudimentar a ponto de, em certos tipos de anormalidade, poder alcançar um desenvolvimento considerável e até realizar suas funções peculiares.

Enquanto, no plano físico, o sexo é determinado estritamente pela estrutura da forma, nos planos sutis ele depende inteiramente da força relativa, a qual varia constantemente, de maneira que duas pessoas que são respectivamente homem e mulher no plano físico, podem estar constantemente mudando de polaridade em suas relações nos planos internos. Desta maneira, se eles estão trabalhando/num assunto no qual o homem se sobressai, será ele quem guia e ela quem segue; as condições, porém, podem mudar, e o casal estar trabalhando numa esfera na qual ela seja proeminente. Nesse caso, a polaridade ficará invertida e a mulher assumirá a direção: observe-se a extraordinária doçura de um homem quando se lhe põe um bebê nos braços.

Aquele que sente mais profundamente será masculino no plano da emoção, e o que conhece mais, será o masculino no plano da mente, sem ter em conta o corpo em que está encarnado. No entanto, como o corpo masculino está mais bem constituído para expressar a força positiva, o homem costuma ser geralmente masculino tanto nos planos mais sutis como nos mais densos, porém, se existir a menor desigualdade de força, então a mulher pode ser relativamente masculino, em relação ao companheiro, nos planos internos. Não devemos nunca esquecer que a masculinidade e a feminilidade são sempre relativas nos planos internos, e tal como o vigor físico dos indivíduos que formam um par oscila num sentido ou noutro, o mesmo se pode dar com a sexualidade; assim, um homem pode ser puramente masculino em suas relações com uma mulher e puramente feminino, ou negativo, em suas relações com outra. A forma determina o sexo do indivíduo no mundo físico, porém a força relativa é a que o determina nos planos internos; e este fato serve de chave para muita coisa.

Interação entre o Positivo e o Negativo nos Planos Não-físicos

a) Os planos espirituais

"No Sétimo Plano o Todo é Um e o Um é o Todo. " Este axioma é muito usado na filosofia esotérica. Neste plano existem entidades de duas classes: as que progrediram um pouco mais além de sua origem, e se encontram na curva descendente ou exteriorizante da evolução; e as que tendo completado sua evolução, elevaram-se até o nível de sua origem. Afirmam-nos que este plano é absolutamente informe, pois as entidades do primeiro tipo ainda não tomaram forma, enquanto as do segundo, como já aprenderam tudo quanto as formas lhes podiam ensinar, puseram-nas de lado, com todas as suas limitações, e alcançaram a perfeita liberdade dentro dos limites do universo ao qual pertencem.

Todos são um neste plano afirmam-nos pois a relação existente entre cada unidade e o resto do plano excede de muito, em intimidade e acabamento, tudo quanto pudessem imaginar os mais ardentes amantes nos seus mais extasiantes momentos de união. Este estado é o estado normal e permanente do Sétimo Plano, que bem pode ser chamado o Reino dos Céus, porque é um estado de amor e harmonia perfeitos. Os amantes humanos temem que possam perder-se um ao outro no que concebem como o vazio informe do Nirvana. Mas, pelo contrário, a união perfeita, que só é possível em raríssimos momentos entre pessoas ainda mais raras, será o estado normal de toda a criação.

No Sétimo Plano, e só ali, não existe diferença entre a força positiva e a negativa. Tem sido chamado, às vezes, o plano da pressão pura.

No Sexto Plano inicia-se a primeira diferenciação ou princípio de separatividade. A pressão universal do Sétimo Plano faz com que a força flua em todas as direções e a corrente vá divergindo em seu curso. Estas correntes divergentes são as que, na terminologia esotérica, chamamos de raios, e cada raio é ideado como um aspecto da Natureza Divina. Cada mônada, ao entrar na existência, no Sexto Plano, é considerada como "tendo alcançado a manifestação", através de um raio ou de outro, e este meio primordial determina para sempre o tipo da mônada. Ela poderá trabalhar com as forças de outros raios, mas a cor tônica de seu próprio raio constituirá a chave de sua natureza, e pela mesma porta por onde saiu deverá voltar quando tiver completado o seu ciclo de evolução.

É um fato muito conhecido que, para a eletricidade se pôr em atividade, tem que fluir num circuito; a pessoa que se encontre completamente isolada da terra, pode tocar impunemente um arame eletrizado, pois não lhe oferece conduto algum para essa força. O mesmo ocorre com a força vital: flui para cada mônada desde a fonte divina, e tendo passado através dessa mônada, dinamizando-a, flui para o espaço ambiente; então, uma vez realizado um circuito que só é limitado pelo universo manifestado, e reduzindo-se no curso deste circuito à sua forma mais baixa de manifestação, é reabsorvida finalmente pela fonte divina como uma força cósmica inorgani-zada. Se, contudo, se deseja realizar algum trabalho com essa força, tem que se impedir que ela se perca no espaço, inutilizando-se; ela tem que ser concentrada num condutor definido, e, ao ser assim limitada e definida, ser convertida em pressão, tornando-se então uma fonte de energia. Isso tudo pode ser conseguido se a fizermos fluir e retornar pelo canal da força individualizada. Em sua marcha para fora, essa força abre caminho através de todas e de cada uma das mônadas individualizadas existentes, mas é preciso criar o circuito de volta se quisermos impedir sua difusão inútil. O conhecimento dos métodos para criar este circuito de retorno constitui um dos segredos do ocultismo prático.

Os métodos para alcançar esse fluxo e esse retorno são, em princípio, os mesmos em todos os planos, mas os dispositivos exatos colocados em uso diferem segundo a matéria na qual se está levando a cabo o processo. Em essência, consiste nisto: uma mônada do tipo inclinado a manifestar-se ou a exteriorizar-se coopera com uma mônada do tipo inclinado a unir-se com o Divino, rumo à universalização. Se ambas se unem e formam uma continuidade de substância, a força vital que está fluindo da Divindade através do indivíduo masculino ou positivo, em vez de perder-se no espaço livre depois de realizar sua obra no organismo, retorna à Divindade através do indivíduo negativo ou feminino. No ponto de união de ambas as unidades, podemos apoderar-nos dessa força e utilizá-la para a criação na matéria do plano onde ocorreu essa união. Esta é a essência do ensinamento esotérico concernente às funções sexuais.

Esse esquema do sexo cósmico, ou polaridade se se preferir esta palavra, tendo em vista o comprometimento da outra, ocorre no Sexto Plano: em primeiro lugar, para induzir um forte fluxo de força do Sétimo Plano a uma forma do Sexto; e, em segundo lugar, para manter esta força num alto nível e impedir a degradação e difusão que resultaria se se lhe permitisse seguir seu curso normal descendente através dos planos, perdendo-se finalmente no espaço cósmico antes de retornar à Divindade. Talvez um exemplo esclareça este assunto.

Tornemos o caso de um homem de elevado caráter espiritual, que se sinta chamado a realizar uma missão espiritual para regenerar a humanidade. Falando em termos esotéricos, diríamos que esse homem, para poder converter-se em canal das elevadas forças espirituais, tem que ter muito desenvolvido o seu corpo correspondente ao Sexto Plano, porque está trabalhando com as forças desse plano, e estas só podem encontrar expressão adequada por meio de um veículo altamente organizado. Se esse homem se contenta em permanecer como um devoto solitário, pode alcançar um elevado grau de evolução em comunhão com a Vida Divina, mas não deixará nenhuma marca em sua raça ou em sua época: o mundo exterior não terá sido influenciado por ele. Contudo, se ele quiser realizar alguma obra no mundo externo, para influenciar a vida espiritual de seus semelhantes, veremos que, imediatamente, ele reunirá em torno de si um pequeno grupo de discípulos que, em relação a ele, se encontrarão em situação diferente da do resto de seus seguidores. A seus seguidores, ele dá sempre, sem deles nada pedir nem receber para si, ao passo que, de seus discípulos ele depende de alguma forma particular e íntima, muito pouco compreendida pelo mundo exterior. Ainda que sejam de menor estatura espiritual que ele próprio, este tem, no entanto, que se apoiar neles, e cada defecção de sua parte o afeta profundamente.

Esses discípulos podem ser homens ou mulheres não tem importância. Tudo o que se exige deles é que estejam em união íntima e simpática com seu mestre, e que sejam de um desenvolvimento espiritual bastante aproximado do dele, e então se observará que o pequeno grupo funciona como uma unidade no próprio âmago do movimento espiritual. Além disso, se se enviarem missionários para difundir os ensinamentos do Mestre, ver-se-á que o fazem por pares, a fim de que se possam ajudar mutuamente.

Nesta interação entre uma natureza poderosamente positiva, que atua como um canal para a caudalosa corrente de força espiritualizadora, e as naturezas menos vigorosas, relativamente negativas que recebem esta força, o esoterista científico pode ver facilmente a força vital divina funcionando em polaridade.

Pode-se encontrar uma curiosa confirmação desta asserção num fenômeno que, com certa frequência, ocorre ao se invocar as forças espirituais. Muitos instrutores religiosos se esfacelam contra a rocha da sensualidade, e os que têm êxito em dirigir a nave de sua vida através do

estreito caminho da retidão, têm deixado em suas biografias bons relatos das terríveis lutas que mantiveram antes de alcançar a vitória. Foram 'tentados pelo demônio' até um ponto incrível para um ser humano comum. A julgar pelas visões e pensamentos de que deixaram relato, parece que sua natureza sensual era tão forte como a espiritual, e só mercê de um ascetismo extremo puderam mantê-la sob controle. Daí as mortificações da carne e o isolamento de tudo quanto pudesse estimular os desejos sensuais, condição sine qua non das mais elevadas formas da devoção religiosa.

Alguns psicólogos vêem neste conhecido fenômeno outra prova de que a sexualidade se encontra na raiz de todas as coisas, e consideram que os sentimentos religiosos não são mais que sublimações dos sentimentos sexuais, deduzindo assim que, ao provar a ligação entre a vida espiritual e a sexual resolveram tudo o que diz respeito à vida sexual. O esoterista, contudo, encara este fenômeno de um ponto de vista muito diferente. Ele considera que ambas as atividades são a manifestação de uma única e mesma força, uma força pura e divina, sacratíssima, e que a forma tomada por esta força é determinada pelo mecanismo através do qual funciona, de maneira tal que, se essa força opera através do corpo do Sexto Plano, se manifestará como fervor espiritual e poder dinâmico, atuando assim sobre as naturezas espirituais daqueles com quem se ponha em contato; enquanto que, se opera no corpo mental, constituirá o que chamamos de inteligência criadora; e se o faz no corpo físico, será uma mera força sexual, no sentido comum da palavra. No entanto, opere no plano em que operar, é sempre a mesma e única energia; e se a sua manifestação final é a procriação, isto não a degrada em nada, mas, sim, faz que essa força espiritual e primariamente divina, ao ser usada para a procriação, faça desta igualmente um ato sagrado e divino.

Contudo, o pensamento popular, e especialmente o teológico, amedrontado pelo bem conhecido fenômeno da sensualidade dos místicos, não considera a força vital, ao ser expressa no mundo físico, como uma coisa de algum modo sagrada, mas como uma materialização de sua natureza inferior, sempre em guerra com o nosso ser espiritual. Mas há alguns confessores, sábios conhecedores da natureza humana, bastante sagazes para ver nessa força diferentes aspectos de uma só e mesma coisa. Quando a sensualidade chega a produzir o descrédito de um mestre religioso, considera-se geralmente que a vida dessa pessoa, como potência espiritual, está necessariamente esgotada. Isto, às vezes, pode ocorrer realmente, porque, se as enormes forças que estava manejando fugiram de seu controle e desceram até o nível físico, ser-lhe-á muito difícil, depois da explosão da tormenta, fazê-las retornar ao seu devido canal, porque talvez se tenham rompido os diques e nunca jamais possa ele ser capaz de concentrar novamente suas energias para realizar sua tarefa. Mas, seja como for, sempre tem sido uma força espiritual a que rompeu os diques e as limitações, e não uma força infernal. A tremenda energia cósmica que esse homem havia feito fluir através de seu próprio eu individualizado, demonstrou ser, nesse caso, metaforicamente falando, de maior voltagem do que a que podia suportar, de tal maneira que sua natureza espiritual se fundiu por excesso de corrente e se produziu um curto-circuito. A corrente se dirigiu para a terra, literalmente falando.

Não obstante a natureza fortemente organizada e espiritual dessa pessoa, para manter a poderosa corrente dentro de seu devido canal e transmiti-la à parte espiritual dos demais, de sorte a poder fluir de retorno à sua devida fonte sem abandonar o Sexto Plano, a pressão sobre o corpo espiritual dessa pessoa foi tão grande, que essa corrente se desviou e seguiu a linha de menor resistência a do fluxo evolutivo normal do Sétimo Plano para baixo até o Primeiro, e logo, de retorno por meio da

alma da Terra. A essa pessoa não se pode considerar mais culpável que o moageiro cujo dique se desmorone e inunde a aldeia vizinha. É verdade que devia ter previsto que a caudal de água era demasiado grande para a resistência de seus diques, mas não se pode dizer que tenha sido ele o matador deliberado dos habitantes da aldeia.

Este fenómeno é conhecido de todos os esoteristas: a rutura do dique espiritual sob a pressão demasiado grande para que o organismo a pudesse resistir, e a degradação das forças divinas até os planos mais baixos da existência. Qual é o remédio contra esta possibilidade? poderia perguntar-se. Em primeiro lugar, a prevenção é muitíssimo melhor que a cura, e as forças sutis têm que ser reguladas de acordo com a fortaleza moral da pessoa que as utilize; em segundo lugar, deve-se evitar o trabalho solitário, de maneira que outros olhos possam ver a primeira fenda que se produzir no dique, coisa que, é muito possível, seja o seu próprio dono o último a ver. Mais tarde, se se apresentar o menor sinal de desastre, o indivíduo ameaçado deve abandonar as atividades internas e dirigir sua atenção para o plano material, com exercícios físicos vigorosos, e até para a mortificação no bom velho estilo. E sobretudo, terá que abster-se de invocar as potências espirituais, até que tenha reparado os condutos que devem conduzi-las. Se o místico nessas condições, começa a ter mais êxtases ou experiências similares, pode provocar uma explosão de sensualidade ou de histeria. E a intuição de muitas almas espirituais estava muito certa ao fazê-las sentir que, nessas circunstâncias, não eram dignas de se aproximarem de Deus, senão que deviam trabalhar humildemente no campo, ou auxiliando os pobres, até que novamente se fizessem dignas recipientes de seus favores e Ele se dignasse aproximar-se delas outra vez. Esta humildade espiritual pode salvar muitos supostos santos da vergonha. Quando as forças vitais se encontram nos planos inferiores, nós abrimos os planos superiores para nosso próprio perigo.

b) Os planos mentais

Pode-se ver claramente a ação da polaridade nos dois aspectos da mente, que funciona como pensamento abstrato e pensamento concreto. No Quinto Plano, ou seja o do pensamento abstrato, os grandes raios que representam as atividades do Sexto Plano vão sendo mais e mais elaborados em qualidades e princípios abstratos. Sendo inteiramente abstrato, este plano só pode ser concebido mediante comparações e, num livro como este, temos que nos limitar a indicar a sua natureza. Contudo, uma ilustração prática pode servir para demonstrar a natureza das atividades do referido plano.

Há duas classes de pensamento lógico. Na primeira, a do tipo dedutivo, partindo de um princípio geral, se vão inferindo exemplos particulares de seu modo de agir. Na segunda, a do tipo de raciocínio indutivo, infere-se uma lei geral partindo de casos particulares. Se bem que todos nós fazemos uso de ambos os sistemas de raciocínio em nossos trabalhos mentais, é evidente que sempre predomina um tipo de pensamento lógico em cada indivíduo suficientemente desenvolvido para exercê-lo. A grande massa da humanidade, como se pode comprovar facilmente, não alcançou ainda este estado de evolução, mas anda às apalpadelas, dependendo de sua memória para conduzir-se e sendo apenas capaz de tirar as conclusões mais óbvias de suas experiências.

Por essa razão, os indivíduos que se encontram num plano mental superior podem ser divididos em dois tipos: os que estão de posse dos grandes princípios abstratos desse plano e tratam de aplicá-los às formas mais densas da existência e, conscientes de sua fonte divina, anseiam por transportá-los para as etapas inferiores da evolução, carregando consigo

essa luz divina; e os que, conscientes de seu objetivo divino, anseiam sempre por sintetizar todas as experiências em tipos espirituais. Aqueles difundem, estes unificam. Uns atuam de forma masculina, os outros de forma feminina.

Qual seria a expressão destes dois tipos na vida real? Um será o filósofo, que anunciará princípios gerais, inferindo deles as correspondentes consequências; enquanto que o outro será um cientista, que reunirá grande número de informações para deduzir delas leis gerais, segundo as suas observações. Por certo, na prática, todos os pensadores empregam ambos os sistemas. Se não for mais que um colecionador de fatos (na realidade existem tais indivíduos), ou se for um mero enunciador de princípios não comprovados (igualmente existem) não serão eminentes ainda que a educação moderna tente eliminá-los mundo do pensamento, pois as maiores contribuições para o conhecimento humano têm sido realizadas pelos filósofos-científicos ou pelos cientistas-filosóficos.

Na prática geral, sem embargo, uma classe de mentalidade reúne os dados e a outra classe filosofa sobre eles, e só os mais eminentes pensadores fazem uso de ambas as atividades simultaneamente. Nessa cooperação, o filósofo esotérico vê a atividade dos dois tipos de polaridade a indução masculina e a dedução feminina e declara que ambos esses sistemas de atividade são tão necessários para a criação no plano do pensamento abstrato como no plano da matéria densa, pois uma sem a outra são estéreis, ao passo que, se funcionarem juntas, produzirão o fruto do novo conhecimento.

Assim também se aplica o princípio de polaridade no Quarto Plano, ou seja, o da mente concreta. Quão cansativo e difícil é o trabalho intelectual que se realiza no isolamento, sem que haja quem o aprecie ou simpatize com ele. Em contrapartida, a mente responde à outra mente com renovado estímulo e atividade quando há um mútuo cabedal de conhecimentos. Todos os intelectuais conhecem muito bem o súbito impulso que recebem em sua inspiração depois de uma conversa, de uma correspondência, ou quiçá apenas da leitura de um livro que trate do assunto que lhes interessa. A reação estimulante que se produz mutuamente pode ser vista claramente neste plano e, compreendam-se ou não as suas implicações, intelectuais a conhecem muito bem por experiência própria e fazem grande uso dela, como se pode ver por suas biografias. O esoterista sem dúvida, conhece este princípio e dele tira benefícios. Aliás, para certa espécie de trabalho, ele terá de esperar por sua contraparte, pois não poderá prosseguir sozinho.

c) Os planos astrais

Os planos das emoções e paixões são conhecidos pela ciência esotérica como os planos astrais superior e inferior, respectivamente, e é aqui onde podemos encontrar os princípios do sexo no sentido que sói aplicar-se correntemente a esta palavra.

No Terceiro Plano, ou astral superior, o plano dos afetos e da ternura, contemplamos o lado emocional da Natureza que busca um objeto para a expressão de seus sentimentos e a satisfação de suas necessidades. E o esoterista considera estes dois aspectos do sentimento como a polaridade da emoção. No Terceiro Plano não existe ainda uma fixidez sexual, determinando a maneira de funcionar se a força em questão é positiva ou negativa, masculina ou feminina. Considera-se masculino o que tem necessidade de expressão emocional, e feminino o que se sente necessidade de satisfação emocional. Contudo, esses dois modos de funcionar podem produzir-se em rápida sequência, e até simultaneamente, com respeito aos diferentes aspectos da Natureza, razão pela qual a polaridade flutua constantemente. Essa flutuação da polaridade no plano astral superior é

um fator muito importante na aplicação prática destes princípios aos assuntos humanos.

No mundo astral inferior, ou plano dos instintos, a polaridade tende a estabilizar-se, por estar este plano muito estreitamente relacionado com o plano físico, e serem suas condições influenciados pelas fases fisiológicas do corpo. Mas, por mais estranho que pareça à primeira vista, o sexo do corpo do Segundo Plano é o contrário do sexo do corpo físico. No entanto, não é difícil comprová-lo. É um fato bem conhecido que o amor de uma mulher é firme e duradouro, mas de muito menor intensidade que o do homem, se bem que este reaja violentamente ante um estímulo e volta em seguida ao seu estado passivo quando este desaparece. O esoterista vê nisto um fluxo de energia através do veículo masculino, positivo, da mulher, e a explosão súbita de energias latentes no veículo emocional feminino do homem, sob o estímulo de uma força cinética.

Neste plano se realizam certas operações mágicas, em que se utilizam as forças sexuais. Isto encerra muitos perigos para os que ignorantemente usam essas forças em quantidade, e exige grandíssimo domínio de si mesmo de parte de todos quantos se dediquem a semelhantes estudos. Todo aquele que estiver familiarizado com os círculos onde se cultiva o estudo do ocultismo prático sabe que há perturbações constantes neste sentido, a menos que se mantenha um elevado código de moral.

POLARIDADE NO PLANO FÍSICO

Temos um corpo físico, no qual a configuração dos órgãos geradores determina a parte que desempenharemos na polaridade da vida. Nascemos masculinos ou femininos e temos que nos conformar com a decisão de nossa concepção, pois os fenômenos do hermafroditismo e da homossexualidade são considerados patológicos, tanto pelo cientista esotérico quanto pelo exotérico.

O controle da atividade sexual no plano físico é determinado pela química dos órgãos endócrinos, as glândulas endócrinas que derramam no sangue suas secreções, conhecidas como hormônios; estes, circulando na corrente sanguínea, estimulam a atividade dos órgãos secretores. Desta maneira, a pressão sexual sobe ou baixa nos indivíduos de acordo com a composição química de seu sangue, o qual está sempre flutuando dentro de certos limites. Já se têm traçado gráficos que provam estas afirmações, e tem sido comprovado que o ciclo mensal da vida sexual da mulher coincide com a percentagem de sais de cálcio no sangue, produzindo-se também, no homem, um aumento ou diminuição, periódicos, do desejo, que, todavia, não tem sido tão bem estudado como a periodicidade da vida sexual feminina, mais visível.

Alguns escritores populares têm declarado que nesta descoberta se encontra o segredo de toda a vida emocional, intelectual e espiritual. E sempre se tem dito que o ser humano é simplesmente a síntese de suas glândulas endócrinas, e que todo impulso espiritual, todo ideal emocional pode expressar-se em termos de sais de cálcio. Entretanto, esses filósofos da fisiologia ignoram um ponto, que é o da profunda influência que os estados emotivos exercem sobre esses órgãos endócrinos. Certa escola fisiológica declara que as glândulas adrenalinas, situadas acima dos rins, são as que controlam as funções sexuais; enquanto outra escola chama essas glândulas de órgãos de combate, porque suas secreções põem todos os tecidos em tensão, prontos para funcionar de forma violenta e fazendo com que o sangue se coagule rapidamente se se recebe algum ferimento. É sabido que tais órgãos se põem em atividade quando seu possuidor sente alguma emoção de ira ou de medo. Assim se verá que a ciência exotérica está comprovando experimentalmente o que a ciência esotérica havia ensinado desde a mais remota antiguidade, isto é, que o funcionamento do organismo físico é controlado pelo plano dos instintos e das paixões. Se bem que a química das glândulas endócrinas controle o funcionamento dos tecidos físicos, elas, por sua vez são controladas pelas emoções.

Num livro desta natureza, não há necessidade de se entrar nos bem conhecidos detalhes da fisiologia sexual; o que dissemos já é o suficiente para indicar o ponto em que a ciência exotérica se encontra com a esotérica: o sistema endócrino.

POLARIDADE NO ORGANISMO

Nos capítulos anteriores, explicamos brevemente os fatos relativos à polaridade entre as unidades de tipos distintos operando nos diferentes planos. Existe, contudo, um segundo tipo de polaridade que se produz dentro de cada indivíduo, segundo a ciência esotérica. Os diversos corpos ou princípios do ser humano são relativamente positivos e negativos em suas relações mútuas, sendo o mais sutil positivo em relação ao mais denso. Assim, o corpo psíquico, o corpo dos instintos e das paixões, é positivo em relação ao corpo físico, que é negativo; estimula-o e põe-no em atividade, e determina suas condições, tudo isso sujeito, naturalmente, às leis físicas e químicas que dominam o plano material.

Cada corpo da série é, pois, controlado pelo corpo imediatamente superior a ele e tem que esperar o estímulo deste corpo sutil antes de poder funcionar; e, de maneira semelhante, atua por sua vez como controlador e estimulador do corpo que o segue imediatamente na linha da manifestação. Daí que seja masculino em relação ao veículo mais denso e feminino em relação à substância mais sutil que o anima.

No Sétimo Plano, a mônada ou chispa de vida divina espiritual é o determinante primário de todo o setenário; ela dá vida e individualização, sem a qual não existiria nenhuma unidade. As condições do raio do Sexto Plano é que determinam o tipo, enquanto as qualidades abstratas do Quinto Plano, em combinação com o raio-tipo, determina a natureza individualizada dos traços fundamentais. Do Quarto Plano para baixo se vai formando a personalidade por meio da experiência, pois a memória começa no plano da mente concreta. Contudo, a individualidade dos três planos superiores é a que determina completa-mente a direção original da senda que percorre a evolução; e sejam quais forem as modificações que possam ocorrer como resultado das circunstâncias, o indivíduo sempre tenderá a retornar à sua linha de avanço original, tão logo desapareça a oposição.

As recordações acumuladas na mente concreta determinam naturalmente as reações emocionais do indivíduo com respeito ao seu meio circundante no Terceiro Plano, e seus sentimentos determinarão igualmente os objetivos de suas atividades instintivas no Segundo Plano, fazendo-o buscar o que é agradável e evitar o que é desagradável. O Primeiro Plano, como já temos visto, é regulado pelas emoções que agem sobre os órgãos endógenos e os impulsos dados ao sistema nervoso. Em resumo: podemos dizer que cada corpo é gover-pelas leis de seu próprio plano, enquanto que seu funcionamento é regulado pelo corpo do plano, imediatamente superior ao seu. De sorte que, como o corpo físico é controlado pelo corpo psíquico, é necessário que possamos influir sobre este corpo caso ocorram falhas no mecanismo físico. Podemos fazer isto do Terceiro Plano, que é plano da consciência imaginativa, fazendo-a concentrar-se sobre imagens de saúde e de perfeito funcionamento. Se conseguirmos formar estas imagens com suficiente nitidez, e persistência na consciência imaginativa do Terceiro Plano, faremos com que o corpo psíquico do Segundo Plano se ponha em linha, ministrando os correspondentes impulsos ao corpo denso. Este, tão logo possa expulsar do sistema as combinações químicas venenosas, surgidas como resultado de seu mau funcionamento, e sempre que não se tenha produzido uma mudança orgânica, voltará a gozar de plena saúde.

Este processo de cura tem sido popularizado sob o nome de auto-sugestão, havendo-se criado um sistema muito mais elaborado e de maior alcance pela chamada Ciência Cristã, cujo método consiste em induzir o aspecto mental do Quinto Plano a dar ênfase aos princípios abstratos da harmonia, e ao

controle assumido por esse plano. Quando se produz uma cura realmente espiritual, distinta da assim chamada cura psíquica resultante da auto-sugestão ou da fé religiosa, ela ocorre a partir do Sétimo Plano, assumindo então a Mônada o controle de todos os corpos que estão abaixo dela e determinando suas condições, o que rarissimamente acontece.

No curso ordinário da Natureza, o controle mútuo da série de veículos se produz regularmente na forma indicada, mas quem deseja elevar as forças de qualquer corpo a uma alta potencialidade, pode fazê-lo também deliberadamente. Supondo que se trate de um artista criador, ele pode elevar a potencialidade de seu corpo astral (porque as artes imaginativas são exercidas no Terceiro Plano), fazendo agir sobre ele o seu intelecto junto com sua imaginação. Então ele notará que a aplicação de sua mente concreta ao problema semivisualizado de sua obra fará que suas condições se concretizem numa forma artística, concretização essa que não teria acontecido caso não houvesse algo além das forças emocionais do Terceiro Plano para estimulá-lo.

Da mesma maneira, no Quarto Plano, ou seja o do pensamento concreto, ele tem que pôr em funcionamento seu poder de mentalização abstrata, caso ele queira ver as implicações dos fatos que estiver considerando. O pensamento abstrato deriva necessariamente seu estímulo do próprio espírito.

Esta ação e reação entre dois dos veículos humanos são necessárias para o trabalho criador, para essa exteriorização da força que se encontra dentro do indivíduo proporcionando para tanto um veículo ligado a um ou outro dos planos, quer esse veículo consista na palavra escrita no plano mental, quer no som e na cor no plano astral. Tudo isso seria considerado pelo cientista esotérico como um exemplo do eterno princípio da polaridade subjacente a toda atividade criadora.

Contudo, às vezes também pode produzir-se o fluxo inverso da corrente, quando uma pessoa trata de estimular um veículo particular por meio do imediatamente inferior em vez do imediatamente superior; e desta maneira pode fazer com que sua mentalidade concreta ponha em atividade a sua mentalidade abstrata. Encontram-se neste caso as pessoas que utilizam os princípios abstratos a serviço de casos particulares, que querem que as leis do Universo se enquadrem dentro de suas normas do certo e do errado; que querem ler suas próprias interpretações nos pronunciamentos feitos por mentalidades muito maiores que as suas próprias, para apresentá-los como justificativa de seus pontos de vista. Estas pessoas são unilaterais, fanáticas, imunes a todo raciocínio lógico, incapazes de argumentar e de enxergar qualquer lado da questão, a não ser o que elas predeterminaram. Assim é que a natureza dos planos inferiores limita a inspiração que se pode obter pelo contato com os planos superiores.

Igualmente, o ser humano cujas emoções o impulsionam para o trabalho intelectual, inclina-se mais para provar um caso do que para descobrir a verdade; e sempre que as emoções são regidas pelos apetites e não pela razão, nos deparamos com o indivíduo violento, instável, inconstante, que tudo experimenta sem se fixar em coisa alguma, o sentimental que carece da força motriz e da inteligência necessárias para realizar os seus sonhos.

Quando os instintos são controlados pelas sensações físicas, e não pelos ternos afetos que devem humanizá-los convertendo-se em amor, então temos o tipo sexual, cruel e voluptuoso, de acordo com as flutuações de suas paixões e de suas glândulas endócrinas.

O álcool é um dos fatores mais potentes para inverter a polaridade dos corpos. Absorvido pelo corpo físico, ele acelera todos os processos vitais até que o corpo denso fica mais dinamizado que os sutis, tornando-se, então positivo em relação àqueles e capaz de ministrar o estímulo que

os induz à criação. Contudo, cessada a pressão alcoólica, sobrevêm a reação e produz-se uma retenção da corrente vital antes que esta possa inverter seu curso e reassumir o seu curso natural. Isto constitui um aspecto da bem conhecida reação que se segue ao uso do álcool.

POLARIDADE NOS GRUPOS

A ciência moderna começa a perceber que a psicologia de uma multidão não se compõe simplesmente de uma soma da natureza das pessoas que a constituem. A ciência esotérica há muitíssimo tempo conhecia esta verdade, e fazia bom uso dela em seu trabalho. Grande parte do poder dos ritos advém do fato de eles reunirem um grupo de pessoas, de cuja mente coletiva retira a sua força. A teoria da mentalidade coletiva de um grupo, embora muito conhecida dos ocultistas, quase não o é dos psicólogos, que não têm estudado esta linha de pensamento. Por conseguinte, ser-nos-á necessário dar um breve resumo da mesma para que se possa compreender sua relação prática com o tema desta obra.

(Diremos, contudo, aos que já estão familiarizados com os conceitos esotéricos em sua forma esotérica, que mente coletiva não é o mesmo que alma coletiva.)

Certa porção da mente subconsciente não se encontra encerrada na personalidade. Quando certo número de pessoas concentra a sua atenção no mesmo objeto e a respeito deste sente a mesma emoção, como ocorre quando a atenção de uma congregação está concentrada no pregador, seja com amor e admiração, seja com ressentimento ou rancor, as porções flutuantes, livres, dessa subcons-ciência coletiva tendem a unir-se e amalgamar-se numa nuvem única que envolve todo o grupo (compreende-se que estamos empregando uma linguagem metafórica). Essa mente compósita, formada da maneira indicada, contém somente aquelas ideias e sentimentos que se dirigem para o objeto da atenção geral. Essas ideias se difundirão por si mesmas através de sua substância, encontrando assim o seu caminho para as mentes subconscientes de todas as pessoas que componham o grupo, influenciando, pois, sobre suas mentes conscientes. Daí a importância do cuidado na escolha dos membros que devam formar um grupo bem organizado, porque uma só personalidade dominante pode mudar todo um grupo.

Desde que tenha ficado bem estabelecida uma mente coletiva, tem ela uma personalidade muito característica, própria. Ela forma uma entidade separada, que tira sua vitalidade do corpo que constituiu e criou. E pode modificar-se de acordo com qualquer alteração que haja no espírito do grupo, mas só pode ser destruída dispersando-se o grupo; de maneira que se, numa associação de pessoas, surgir um espírito indesejável, único remédio, seria dissolvê-la e logo, após um intervalo, recomeçar tudo de novo:

Esta mente coletiva, uma vez suficientemente desenvolvida, une-se às forças com as quais tenha maior afinidade. Por exemplo, uma mente coletiva filantrópica absorverá forças espirituais da fé que a inspira, enquanto que uma mente patriótica as absorverá da alma coletiva de seu povo. Portanto, ainda que os indivíduos observam certa drenagem de suas energias enquanto se acham ocupados em formar uma mente coletiva, logo verão que, uma vez formada, esta se converte numa fonte de força para eles que, por sua vez, passarão a absorvê-la em proveito próprio.

Um exemplo concreto servirá para tornar claro este conceito um tanto difícil e pouco familiar. Imaginemos uma pessoa que tenha uma mensagem espiritual para difundir. Mediante grandes esforços, ela consegue reunir ao redor de si um pequeno grupo de crentes. Tão logo o alcance, vê que seu trabalho se torna muito mais fácil e que pode pregar com muito maior força e influência e menos esforço: sua inspiração torna-se mais poderosa e menos espasmódica. Toda desarmonia ou indiferença em seu grupo o afetará profundamente. Qualquer ministro de qualquer religião poderá confirmar estas asserções por sua própria experiência, se tem que

carregar com o peso morto de uma congregação inerte ou se seu trabalho se desenvolve em meio de uma congregação entusiasta. Os hierarcas mais proeminentes no trabalho da Igreja compreendem mui bem o apoio e o impulso da mente coletiva criados por um interesse e um entusiasmo comuns; ela atua como um pêndulo psíquico que os faz ultrapassar o ponto morto de suas fraquezas. Para essas pessoas, a alma coletiva atua com uma força masculina, estimulando-as em suas atividades criadoras e protegendo-as contra os antagonismos e influências exteriores.

No caso da gente comum, contudo, a posição se inverte, sendo a alma coletiva quem lhes absorve as energias; mas, ao extrair assim suas forças vitais, produz-se uma espécie de sucção espiritual, e novas correntes de energia vital, procedentes do mar da vida universal, penetram-nas. Uma das causas mais graves das perturbações que sofrem as mulheres não casadas é a estagnação e o envelhecimento de suas forças vitais não usadas. A mente coletiva, ao usar essas energias, evita essa estagnação e coloca-as em atividade. Por esse motivo se observará, invariavelmente, que todos os movimentos religiosos ou filantrópicos extraem uma grande porção de sua força das mulheres não casadas, porque estas as provêm dos meios necessários para dar saída a essas energias. Essas mulheres transferem para a mente coletiva as energias que teriam utilizado no amor e cuidados com o marido e os filhos se houvessem casado. Desta maneira, a obra da civilização e a alma coletiva da raça absorve as energias de um grande número de mulheres. E poderemos observar que a tendência de todas as civilizações altamente evoluídas é produzirem certa superfluidade de mulheres, muito além do número das que podem ser ocupadas pelas tarefas da reprodução da espécie, essas mulheres são produzidas com um propósito deliberado, pois são indispensáveis para o trabalho coletivo mediante o qual as fases mais elevadas da evolução tornam-se manifestas.

Conhecendo estes fatos e usando deliberadamente suas possibilidades, as mulheres solteiras podem encontrar sua posição no mundo, sentir que suas energias inativas são absorvidas e ver como elas próprias são arrastadas pela grande corrente da vida psíquica racial, que constitui uma fonte de inspiração e satisfação tão poderosa para todos os que dela participam.

Uma mente grupai tem dois aspectos: é um depósito de energia, do qual podem fazer uso os dirigentes do grupo em seu trabalho criativo e é uma válvula de escape para as energias perdidas e sem uso da gente comum. O conhecimento deste fato oferece uma valiosa contribuição para a solução do problema do excesso de mulheres na sociedade humana.

O MATRIMÔNIO IDEAL

Rara vez nos é dado contemplar um matrimônio ideal; e contudo, cada vez que um ser humano se casa, o faz com a esperança de que vai ao encontro da mais elevada felicidade possível na terra. Intuitivamente, o ser humano sabe que só em união com outro ser de polaridade oposta podem realizar-se todas as possibilidades da evolução humana, e com a esperança de alcançar a plenitude evolutiva de que seja capaz, embarca-se numa vida de interação com outra pessoa de sexo oposto. Arrisca-se tudo numa só cartada e raríssimas vezes realizam-se os desejos do coração. Muitos matrimônios não têm outra base que uma tolerância mútua, e são muitos os casais que continuam juntos devido simplesmente à pressão da opinião pública. Alguns não mantêm entre si mais que os laços das meras conveniências. No entanto, todos foram levados ao matrimônio pela sensação de uma necessidade que só poderia ser satisfeita pela união com outra pessoa.

Eis a base desse desejo de união: uma necessidade, seja para dar expressão ao excesso de forças vitais, seja para receber uma força de que carece a natureza. E só essa união satisfaz a essa necessidade, na qual cada um encontra no outro o desejo daquilo que ela pode dar e a satisfação de seus próprios anseios. Tem que haver nesse casal um intercâmbio que tome de cada um sua penosa superfluidade, usando-a para ministrar ao outro o que lhe falta.

Se esta consumação não se realiza em todos os pontos, então o desejo de união continuará como uma sensação de fome insatisfeita e atormentadora, ou se dirigirá alhures em busca de satisfação, apesar das misérias e da desordem social disso decorrentes. A alienação pode ser total ou parcial. O indivíduo pode separar-se completamente de seu cônjuge e buscar outra união ilegal com todas as suas péssimas consequências; ou pode separar-se parcialmente, buscando apenas uma camaradagem intelectual e emocional com outra pessoa, restando toda união física, que é só o que, segundo o sentir popular, constitui o ato sexual. Contudo, seria muito prematuro dizer que um homem é menos homem em suas relações com um mulher porque reprime seus desejos para com ela e se contenta com sua companhia intelectual somente. Jesus disse que qualquer que olhasse para uma mulher desejando-a já havia cometido adultério com ela em seu coração; e todos os que conhecem a fundo a natureza humana sabem perfeitamente que têm mais razões para repetir zelos pela lealdade da mente que pela do corpo. Uma esposa não tem grande motivo para se orgulhar com o tributo prestado a seus instintos físicos, pois qualquer mulher bonita de sua espécie pode merecê-los, se o anelo profundo do homem superior que existe no ser com quem se casou se fixar em outra pessoa. A mulher objeto de um amor ilícito é quem verdadeiramente possui o homem, e não aquela que com ele divide o leito e o nome.

Contudo, nossas leis e nossa teologia, sempre míopes, não reconhecem mais que a fidelidade física e ignoram a luxúria do olho, tornando-nos assim sepulcros caiados, cheios de podridão.

As leis que regem a união sexual segundo a filosofia esotérica abarcam muitíssimo mais que a simples união física, pois ela leva em conta os sete corpos do ser humano e seu sexo ou polaridade em cada um dos sete planos, de acordo com suas várias condições. A filosofia esotérica ensina, pois, que a menos que o ser humano possa chegar à união de cada um dos corpos que possua em atividade, essa união será incompleta e permanecerá num estado de fome sexual, buscando continuamente seu verdadeiro par. Todavia, nem todos os seres humanos alcançavam o mesmo

grau de evolução. No comum de nossa época, só estão aptos para a união os três primeiros corpos: o veículo físico, o corpo dos instintos e o corpo das emoções; o que equivale a dizer que ele é capaz de união física, de desejo instintivo e de terno afeto por seu cônjuge, mas pouco entende de companheirismo intelectual. Contudo, um este último ideal se seu ideal se seu corpo mental estiver em atividade e buscará uma esposa que tenha interesses semelhantes aos seus próprios. Por outro lado, um ser mais primitivo exigirá da mulher apenas a satisfação de seus sentidos, ficando completamente indiferente a ela uma vez saciadas as suas paixões.

Por conseguinte, compreender-se-á facilmente que se um homem que tem três corpos em funcionamento e é capaz de um amor terno se casa com uma mulher que não tem mais que dois corpos em atividade e carece de todo conceito matrimonial que vá além da satisfação passional e física, não pode deixar de produzir-se um desastre. Ou ainda, se ele tem quatro corpos em atividade e se casa com uma mulher que não é capaz de ser sua companheira, também esse matrimônio será uma desgraça. A mulher obterá do marido tudo o de que necessita, porque estará funcionando em sua plena capacidade nos três planos, mas o homem ficará com seu corpo mental solteiro, ansiando por uma companheira, e possivelmente a encontre nalguma mulher capaz de funcionar também no Quarto Plano, produzindo-se então uma dessas amizades platônicas, que sempre, instintivamente, despertam suspeitas nos demais, embora ninguém os possa acusar de ofender com isso as leis da moral.

Compreender-se-á, pois, que por mais leal que um homem seja em vontade e obras a respeito de sua esposa, uma união nos planos superiores tenderá sempre a desviar o fluxo das correntes vitais, produzindo-se um curto circuito no Quarto Plano. E em vez de descer através dos veículos desse homem, até que, por intermédio dos órgãos geradores, retorne ao divino, completando-se o circuito pelo ato da união física com a esposa, esse fluxo fluirá para sua amiga e companheira mental sob forma de energia intelectual. Seus sentimentos para com a esposa se tornarão tão vazios como o leito de um rio cujas comportas tenham sido fechadas, desviando-se as águas para outra direção.

Falta ver se a moral dos amigos platônicos será capaz de manter a corrente em seu devido leito, ou se esta os arrancará de seu platonismo sob a pressão da vida do Universo em busca de expressão. Se seu dique moral cede, então as forças vitais romperão todos os obstáculos e, seguindo a linha de seu fluxo natural, descerá pelos veículos emocionais ou passionais até alcançar o nível físico. Então, e não antes, é que se chega ao que legalmente se denomina imoral.

Consideremos, agora, o caso de um homem altamente evoluído que esteja se preparando para se casar e vejamos quais são as condições ideais de tal união. Em primeiro lugar, ele terá que recordar que seus diferentes corpos alcançarão a maturidade devida em idades distintas. O corpo físico está completo, em todas as suas partes, ao nascer; o corpo de desejos não entra em função até a puberdade, aliás, que assinala a sua maturação; os ternos afetos vão se desenvolvendo durante a adolescência e o corpo mental concreto se completa aos vinte anos. Algumas escolas da ciência esotérica reconhecem um cômputo estritamente setenário; mas como os indivíduos variam em seu desenvolvimento, a divisão acima mencionada bastará para nosso objetivo. A mente abstrata se desenvolve dos vinte anos aos trinta e a natureza espiritual alcançará seu pleno desenvolvimento já perto dos quarenta. Por conseguinte, o indivíduo altamente evoluído terá que adiar seu matrimônio até estar bem avançado na vida, quando se poderá ver claramente qual é a tendência de sua evolução. Infelizmente, muitas pessoas se vêem impulsionadas a casar-se de forma permanente por causa das atividades do corpo de desejos e se casam

com a primeira pessoa do sexo oposto que encontram como único meio de achar alívio para seus atormentadores desejos. Outras pessoas, estonteadas, tomam erroneamente sua plenitude emocional como o vínculo da verdadeira união, sem perceberem as capacidades de sua própria natureza, que podem ir se desenvolvendo depois do matrimônio. É uma verdadeira fortuna para um casal se seu crescimento é paralelo e simultâneo. Então ambos encontrarão na vida matrimonial o aprofundamento e o enriquecimento de seu amor, conforme seus corpos, um após outro, se vão se pondo em funcionamento e se unam ao seu companheiro dentro de um lar que está alcançando o céu. Se, pelo contrário, um alcançou sua plena estatura enquanto o outro ainda é capaz de crescer, o matrimônio que começou feliz terminará acomodando-se ou fracassando, já que o mais evoluído dos dois terá consciência de necessidades que o outro não poderá compreender ou satisfazer.

No matrimônio perfeito, o casal se une com seus corpos superiores quando estes entram em função, experimentando em cada nova união um aprofundamento de seu amor. A união física, quando existe desejo mútuo, dará harmonia e equilíbrio ao seu sistema nervoso; o amor unirá os desejos e aspirações num só, e enlaçará ambas as personalidades; a aquisição de um fundo de conhecimento comum tornará a amizade cada vez mais intensa; a crença em similares conceitos e princípios dirigirá suas vidas para os mesmos canais, e os objetivos e fins espirituais comuns completarão sua união até que, havendo alcançado a consciência o nível do espírito puro, este grande amor de duas almas ultrapassará todas as limitações e abarcará o Universo inteiro em sua união. Ao alcançar-se isto, dizem os filósofos esotéricos aplicou-se à evolução do mundo físico o maior impulso que é possível alcançar-se. Esses dois, unidos em todos os planos, "entram na luz e dela não saem mais" como indivíduos separados, mas convertem-se num só indivíduo com uma dupla natureza, completa em si mesma e realizável por si mesma. Esses seres, contudo, tendo passado para um nível de vida acima do nosso, não poderão mais ser reconhecidos pelos nossos sentidos.

AS LEIS QUE GOVERNAM A UNIÃO EM CADA PLANO

A união em cada plano depende da continuidade efetiva da substância desse plano. Assim, no plano físico, a união depende do ajustamento dos órgãos geradores e da introdução da secreção masculina no receptáculo feminino.

No Segundo Plano, a união ocorre quando o desejo se inflama mutuamente, e o homem "contempla a mulher cobiçando-a", enquanto ela sente igual paixão por ele.

No Terceiro Plano, a união depende da simpatia emocional e, no Quarto Plano, de um conteúdo comum de consciência e de interesse.

No Quinto Plano, a simpatia intelectual é a que determina a união, enquanto, no Sexto Plano, os ideais espirituais mútuos são os responsáveis por essa união.

No Sétimo Plano "Tudo é um e Um é tudo", não sendo possível uma união mais perfeita que as que têm existido desde a aurora da manifestação.

Uma peculiaridade desta união compósita se encontra no fato de que em certos planos os afins e semelhantes se atraem mutuamente, enquanto que em outros os opostos é que se buscam. No primeiro caso, as unidades se somam, enquanto no outro caso elas se suplementam.

No Primeiro Plano os opostos é que se atraem; cada um é atraído pela diferença física do outro. No Segundo Plano a atração depende do mútuo despertar de uma paixão similar, e aí então que os semelhantes se atraem.

No Terceiro Plano, a diferença é de novo a causa da atração: os que têm um grande poder de amor são atraídos pelos que necessitam de afeto. Nesse caso, o instinto protetor pede uma companheira que se apoie na ternura e necessite da ternura do outro, enquanto os que buscam o conforto do amor necessitam da compaixão e proteção de seu cônjuge. No plano da mente concreta, o conteúdo similar da consciência é que provoca a simpatia, de maneira que os que se interessam pelos mesmos temas e objetivos encontram uma satisfação mútua; enquanto que, no plano da mente abstrata, os que encaram seus problemas intelectuais de pontos de vista opostos são os que realizam os melhores casamentos, contrapesando o crítico ao imaginativo e iluminando o indutivo ao dedutivo.

No Sexto Plano, a união depende da coloração do raio a que pertençam ambos, pois os de tipo espiritual similar se unem a almas semelhantes, união essa impossível entre os que pertencem a raios diferentes.

Pois bem, a ciência esotérica diz que a união depende, em cada plano, da função real de cada plano e que os indivíduos estão unidos somente enquanto funcionam em polaridade, cessada essa relação, cessa também a união. Esta, contudo, não deve ser confundida com o matrimônio, que é um contrato legal cuja validade depende das leis e da justiça, e não da função real. O matrimônio é um contrato entre o homem e a mulher, de um lado, e o filho de outro; disso nos ocuparemos num capítulo separado. Mencionamos aqui este conceito de matrimônio somente para esclarecer a diferença entre o matrimônio comum e a união segundo a entende o ocultista.

No plano físico, a união sexual dura somente os poucos momentos que leva a cópula em si, e pode acontecer entre quaisquer membros de sexos opostos, dentro dos limites da espécie.

No Segundo Plano, a união continua pelo tempo que durar o desejo, isto é, só durante a época de reprodução ou durante os anos em que o desejo permanece ativo na criatura humana.

No Terceiro Plano os corpos se mantêm unidos enquanto existe mútuo afeto.

Se um corpo que corresponde ao Quarto Plano, com seu conteúdo consciente formado durante uma encarnação, se une a outro, essa união continuará durante toda a encarnação e só poderá cessar com a morte.

Contudo, quando a união se estende ao Quinto Plano, entre pessoas de ideais e princípios similares, então já entrou na esfera da individualidade, que perdura durante toda uma evolução, e durante todo o resto dessa evolução continuará tal união, esperando as almas uma pela outra e encontrando uma à outra vida após vida, formando-se esse vínculo maravilhoso que, uma vez constituído as juntará ainda que estejam nos extremos da terra, rompendo todas as cadeias.

Quando a união se confirma no plano espiritual, então o casal se converte em um, em ato e substância, e "entra na Luz, para jamais voltar".

Pelo que antecede pode-se ver que o conceito esotérico do casamento difere muito do conceito popular. A ciência esotérica declara que essa união é uma questão de função atual, que cessa quando cessa a função. Por outro lado, essa união pode se estender ao mundo físico; então sempre haverá a possibilidade da procriação, e trazer ao mundo uma criança para a qual não há um lar é cometer uma crueldade em relação a essa criança.

A Igreja, guiada em muitos casos por homens que alcançaram grande iluminação, sabia que havendo uma união espiritual verdadeira, o vínculo era indissolúvel e de natureza sacramental; daí a elevação desse ideal como norma do matrimônio cristão. Os ensinamentos da Igreja são verdadeiramente aplicáveis à união das individualidades e descrevem suas condições com exatidão; mas, o que dizer a respeito das uniões em que só tomam parte os níveis inferiores da personalidade? Isto não é, absolutamente, uma união sacramental, mas tão-só a satisfação de uma necessidade física e de um desejo instintivo, e deve ser considerado antes do ponto de vista da higiene do que da teologia.

A Igreja, hoje dirigida por homens que se distanciaram muito mais da fonte de inspiração do que os antigos padres não faz distinção entre as duas classes de união, mas aplica esses elevados ideais sem discernimento, dando a bênção sacramental ao que não é mais que uma mera união de animais e exigindo do barro mortal o que só pode ser conferido pelo espírito. Se a Igreja poupasse mais as suas bênçãos e fosse menos exigente em suas normas, especialmente no que tange aos não pertencentes ao seu rebanho, evitar-se-iam muitas confusões sociais.

Ninguém melhor que o esoterista conhece a natureza indissolúvel de uma união sacramental, mas o esoterista sabe que essa união só pode acontecer entre individualidades que durem toda uma evolução. A este respeito ele vai ainda mais longe que a Igreja, sustentando que tal união não é afetada nem pela morte. A atitude da Igreja é completamente ilógica nesta matéria, porque se dois seres foram unidos sacramentalmente, e ambos são imortais, sua união teria que durar tanto quanto sua imortalidade, e a morte do corpo de um deles não afetaria em nada esse vínculo.

A verdade que o esoterista concebe acerca dessa matéria é que a união de individualidades é indissolúvel e sacramental, enquanto a união das personalidades, ou em qualquer nível delas, só dura enquanto persistir sua função.

Contudo, o fato de que tal união produz os veículos necessários para que as almas se reencarnem complica todo o problema, o qual do contrário, seria muito simples. Os direitos dos filhos entram em conflito com os direitos dos pais e, do ponto de vista da raça, isso é o principal.

A DOCTRINA ESOTÉRICA SOBRE AS "ALMAS GÊMEAS"

Fato muito conhecido de todos os estudiosos da natureza humana é que algumas pessoas parecem ter o poder de "trazer à luz o melhor das outras pessoas", e que, quando elas se unem, parece que a natureza de cada uma delas floresce e se capacita para elevar-se a grandes alturas de desenvolvimento que jamais poderiam escalar sozinhas e simultaneamente parecem tomadas de uma felicidade e uma irradiação indescritíveis. Quando se separam, parece como que murcham e decaem, e ainda que o tempo logre aliviar a amargura da separação, nenhuma dessas almas consegue elevar-se à sua verdadeira estatura quando isolada. É possível que não se lamentem, nem fiquem remoendo o passado a cada instante; pode ser que não se neguem, morbidamente, a dirigir sua atenção para novos objetivos, mas sempre ficará aquela sensação permanente de uma vida vivida abaixo de seu nível normal.

Tais pessoas são capazes até de imaginarem que não são duas entidades separadas, mas simples metades de um todo. A completa simpatia e o perfeito vínculo feito existente entre essas duas mentes fazem com que cada estado de ânimo de uma se reflita na outra, tanto que a dor de uma entristece a ambas, ao passo que a alegria de uma torna a ambas felizes. As crenças populares, neste aspecto, são muito definidas e a esperança de realizar esse anelo está em todos os corações. Por mais que a experiência nos tenha ensinado a abrumadora improbabilidade de seu atingimento, apesar de tudo, sempre ressurgue essa esperança, tão arraigada está ela em nosso instinto. Contudo, ainda que essa esperança seja universal, sua realização é raríssima, porque a união completa com outro exige uma completa abnegação de si mesmo, e as almas capazes de semelhante abnegação são pouquíssimas. Para que se possa realizar tal união, é necessário que se juntem duas almas igualmente abnegadas, e não basta que uma se dê por completo e a outra se limite a receber. E nem sequer basta que cada uma delas se dê por inteiro, e sim que cada uma dê aquilo de que a outra necessita, pois do contrário o sacrifício é inútil; nisso reside a chave dos problemas do amor não correspondido. Uma boa e sã camaradagem é o melhor que a maioria dos homens e mulheres podem esperar, uma vez que o fogo ardente da paixão se tenha esfriado com a familiaridade e a diminuição da beleza física. E, ainda que essa amizade e camaradagem sejam uma das coisas mais nobres e formosas que possam existir na terra, não é essa a amizade conjugal a que nos referimos. A crença e os sentimentos populares bem o sabem, ao designarem esses casais como "almas gêmeas", compreendendo que essa união ultrapassa tudo quanto possamos conceber como amor conjugal, por mais belo e profundo que seja. Os laços profundos do amor conjugal, entre aqueles para quem a paixão dos amantes não é mais que a chispa inicial, são formados por mil e uma necessidades mútuas, ternuras, recordações, simpatias e satisfações que nascem da vida em comum. O amor a que nos referimos não é constituído: ele já nasce adulto e transcende todos os outros vínculos.

Esse vínculo potente, que já nasce feito, não pode ser considerado como um novo nascimento; ele é, antes, a reencarnação de uma paixão desenvolvida em vidas passadas; ainda que a mente consciente as ignore, o subconsciente se recorda e clama por sua alma gêmea.

O fenômeno deste amor em corpo físico é extremamente raro, embora muitas vezes qualquer paixão comum ou mera simpatia súbita sejam facilmente exageradas por almas famintas de amor como algo mais profundo do que na realidade o é. Pessoas pouco evoluídas são vítimas mais fáceis dessas paixões súbitas e descontroladas; elas são demasiado egocêntricas e

escravas de suas próprias limitações e apetites para serem capazes de realizar uma união permanente e harmoniosa com qualquer outro ser, e muito menos para compreender o ideal da completa abnegação e serviço implicado no conceito de ser o outro eu de alguém. Essas pessoas têm muito pouco que dar em troca da satisfação de seus sedentos desejos, e quem se presta a satisfazê-las logo se cansa de uma tarefa que não tem correspondência.

A grande maioria das pessoas é capaz de realizar uma união satisfatória e harmoniosa com qualquer outra de determinado tipo, ou seja, em termos esotéricos, com qualquer pessoa do mesmo raio. Como fizemos notar num dos capítulos anteriores, a união espiritual só pode ocorrer entre pessoas que pertençam ao mesmo raio. Quando nos encontramos em presença de uma pessoa pertencente ao nosso próprio raio, sentimos logo uma sensação de harmonia fundamental porque a linha de evolução e as qualidades espirituais são as mesmas, quer essas qualidades estejam bem desenvolvidas quer sejam apenas rudimentares. Só se pode fundir uma união permanente e satisfatória quando existe essa harmonia fundamental. é completamente inútil esperar que esse desenvolvimento fortaleça um vínculo quando esse desenvolvimento está se efetuando em direções diferentes. Se um homem dedicou sua vida à carreira militar e alcançou nela grande eminência é mais que improvável que isso lhe sirva para atrair cada vez mais uma esposa que tenha dedicado a sua vida à causa da paz entre as nações.

Toda pessoa suficientemente evoluída para ser capaz de conceber um ideal e lutar por ele deve ter em conta o raio (indicado pela natureza de seu idealismo) ao escolher um companheiro, ainda que as pessoas de nível inferior, que não têm mais ideias além de seus próprios interesses possam casar-se na base de uma simples paixão mútua e da correspondente atração física, encontrando nisso tanta satisfação quanto esperar de semelhante união.

É preciso deixar bem claro que, ainda que a ciência esotérica reconheça a existência de "almas gêmeas", isso não quer dizer que todos os casos de paixão súbita e violenta entre dois indivíduos possam ser classificados como tais. Talvez tudo não passe, como o próprio nome o indica, de uma simples paixão, que morrerá logo após o seu nascimento e talvez seja capaz de se renovar ante o estímulo de um novo objeto. Tampouco a ciência esotérica ensina que o encontro de duas "almas gêmeas", embora exista entre elas o citado vínculo, possa justificar o abandono de outros deveres preexistentes. Ainda que as leis do divórcio possam ter pouca relação com os fatos da vida humana ou das leis cósmicas, a violação dessas leis incorre nas penalidades da sociedade, e infligir castigos a pessoa inocentes não tem nenhuma relação com a Senda da Luz. Pelo contrário, o esoterista afirma que, desde que uma vida não é mais que uma etapa na jornada da alma pela senda da evolução, é melhor sacrificar um dia de nossa existência no cumprimento honroso de um contrato, de modo que nossas vidas futuras fiquem livres de dívidas passadas, permitindo assim que o grande amor seja alcançado harmoniosamente.

A NATUREZA DOS VÍNCULOS ENTRE AS ALMAS

O Vínculo Kármico

A ciência esotérica reconhece dois tipos de vínculos que unem as almas entre si e as fazem participar de um destino comum. Esses vínculos, cuja origem se acha nos planos internos, sob a ação de causas ocultas, têm que ser cuidadosamente distinguidos da mútua atração que surge no plano dos efeitos, cognoscíveis pelos sentidos físicos.

O tipo mais comum é conhecido como Vínculo Kármico. O termo "kármico", adjetivo de Karma, tomado da Escola Esotérica do Oriente para facilitar as coisas, serve para indicar as forças, boas ou más, que nos influenciaram em encarnações anteriores. Não existe nenhuma palavra nos idiomas ocidentais que a equivalha; a palavra Destino, que seria o seu sinónimo mais aproximado, chegou a adquirir, especialmente como adjetivo, um significado exclusivamente negativo.

O Vínculo Kármico entre as almas, tem suas raízes em atrações experimentadas em vidas pretéritas. Essa atração pode produzir-se em qualquer dos seis planos da existência individualizada, e ser de uma natureza própria desse plano. As atrações exercidas no primeiro plano, ou plano físico são puramente físicas. A gravitação, a atração capilar, a absorção e outros processos similares ocorrem nos diferentes subplanos da matéria densa, enquanto que a atração magnética, as afinidades químicas, etc., se manifestam nos subplanos etéricos de nosso mundo. A atração emocional não deve existir abaixo do Segundo Plano, onde se manifesta como impulsos instintivos. Portanto, nenhum vínculo se forma por mera proximidade física, tendo que se produzir a correspondente ação e reação emocional antes que se estabeleça algum vínculo. A reação constitui a essência do vínculo. O fato de uma pessoa sentir uma emoção com respeito a outra não cria um vínculo que as una. Só quando o objeto da emoção reage é que se forma o vínculo, porque só então é que se tem absorvido na própria natureza a força que provinha da outra, formando-se assim uma continuidade de substância, embora etérica, e é graças a este filamento imperceptível que se realiza grande parte da obra do ocultismo prático, seja ela branca ou negra.

Se uma pessoa ama outra e é correspondida, forma-se um vínculo; se uma pessoa ama a outra e recebe, em troca, ódio, menosprezo, repugnância, ou qualquer outra forma de ressentimento ou antipatia, também se formará um vínculo, e pelo resto de sua encarnação estas vincu-lações influirão na existência daqueles assim vinculados, em proporção à intensidade das emoções experimentadas. Só a mais completa indiferença impede a formação de um vínculo, pois toda reação emocional estabelece uma relação. Toda ação, com sua correspondente reação em qualquer plano, estabelece um vínculo, seja dos instintos despertados no Segundo Plano, seja das emoções no Terceiro, tal como a relação entre mestre e discípulo ou entre colegas de estudos nos planos mentais, ou a do sacerdote, guia espiritual ou fiel religioso no Sexto Plano. Seja qual for o plano em que se produza uma ação com sua correspondente reação, cria-se um vínculo entre as unidades interatuantes.

Esses vínculos podem criar as relações mais íntimas e duradouras, ou ser um contato logo esquecido; mas enquanto existir qualquer emoção em relação com a memória, esse vínculo subsistirá. Se, no momento da morte, se sentir ainda emoção em relação a uma pessoa em particular, esta emoção, não tendo nenhum meio para se manifestar no estado subjetivo que segue à morte, fica armazenada até que, ao produzir-se uma nova

existência objetiva numa nova encarnação, se apresente a oportunidade de se expressar. O que constitui o vínculo kármico é justamente essa emoção não esgotada. E, ainda que tenha que esperar centenas de anos, calculando o tempo pelas revoluções da Terra, ele não perderá nada de sua força, mas reagirá diante dos mesmos objetos que antes a haviam estimulado, onde quer que eles se apresentem. Daí as súbitas explosões de "amor à primeira vista" e o sentimento de absoluto entendimento e intimidade que experimentam as "almas gémeas".

Cada renovação do vínculo kármico aumenta sua força, e ainda que tal vínculo tenha nascido de uma simples atração carnal na infância da espécie humana, à medida que, no curso da evolução, foram entrando em função corpo após corpo, o vínculo vai passando de um para o outro, até atingir uma união espiritual grandiosa. Contudo, se os corpos do casal deixam de se desenvolver sincronicamente, então existirá um vínculo mais forte nos planos inferiores, e o Eu superior do indivíduo mais adiantado ficará isolado e insatisfeito, possivelmente até detestando a resposta de sua própria natureza inferior a uma atração degradante, mesmo que seja incapaz de se libertar dela. Estas complicações trazem perigos e sofrimentos inúmeros, e são causa frequente dessas tragédias de paixão e crime que em todos os períodos da história têm testemunhado as forças primitivas que a civilização tratou em vão de controlar.

Todavia, um Vínculo Kármico só se desenvolve com grande força quando todas as forças da natureza individual se concentram sobre um só objeto com grande intensidade de sentimento, o que, relativamente, ocorre raras vezes, a menos que os desejos tenham sido deformados sob condições trágicas. A paixão consumada dorme, logo, o sono da saciedade; mas, se os amantes se separam, seja pela morte ou por outras circunstâncias, então o amor insatisfeito se mantém como um vínculo no Terceiro Plano, não sendo afetado durante longo tempo pela morte do corpo. Se a separação foi causada pela morte e o sobrevivente se torna consciente, embora por momentos, durante o sono ou por causa do desenvolvimento psíquico, do Terceiro Plano da existência, então esse vínculo, que continua a existir, porá as duas almas novamente em contato. Este é o verdadeiro meio de comunicação com quem partiu: elevar nossa consciência para perceber seu estado de existência, e não atraí-lo de novo para a percepção de nossas condições terrenas pela ajuda de um médium... O médium só pode ser usado nos casos em que uma alma tivesse ficado à terra e não pudesse prosseguir sua jornada até sua esfera, e mesmo assim, só com o propósito de libertá-la.

O Terceiro Plano é a esfera de existência conhecida na literatura espiritualista como Mundo Celeste. Mas, antes que a alma, livre de seu corpo, possa alcançar esse estado, tem que passar por uma fase da existência no Segundo Plano conhecido como Purgatório, onde todas as dívidas contraídas pelo mal que tenha feito têm que ser pagas com o sofrimento provocado por sua realização subjetiva, saldando desta maneira o saldo de seu destino. Uma vez libertada a alma da influência amortecedora do corpo físico, todas as forças sutis vão se tornando cada vez mais tangíveis e, ainda que o recém-vindo não possa transcender seu próprio plano de existência enquanto todas as suas dívidas não tiverem sido liquidadas, a alma que houver partido antes e estiver suficientemente evoluída para isso poderá pôr-se em contato telepático com a outra durante curtos períodos, dando-lhe assim ajuda e consolo durante a parte mais dura e penosa da jornada da morte.

Tão logo a alma recém-vinda se sobreponha às experiências do purgatório, ela entra no Mundo Celeste e então se encontra, aproximadamente, no mesmo plano de seu par. Não há agora barreira alguma de diferentes estados de existência que os mantenha separados, pois o vínculo do amor, ao exercer

a sua atração, os junta em seguida; e então, podem passar o resto de seu tempo em companhia um de outro entre duas encarnações. O amor que existe entre eles tenderá a fazê-los encarnar-se novamente na mesma época e em circunstâncias similares, e logo, ao se encontrarem na terra outra vez, surgirá essa explosão de memória subconsciente, tão incompreensível para aqueles cuja filosofia não vai além de uma única vida num único plano, mas tão facilmente explicável pelas doutrinas esotéricas.

Se duas almas se atraem mutuamente, vida após vida, por este meio, amando-se e acompanhando-se em cada uma delas, e recusando todas as demais atrações, então o vínculo assim formado será muito forte. Mas isso acontece raramente. Não precisamos de muitas encarnações, contando os longos períodos de vida suprafísica que intervieram entre cada existência terrestre, para levar-nos a idades em que a civilização humana estava em plena infância e não existiam uniões além das do Segundo Plano. Como é sabido, as uniões nos planos inferiores se formam com grande facilidade e duram pouco, de maneira que uma alma, mesmo no curso de uma só encarnação, pode ter formado vários laços dessa natureza, especialmente nas civilizações em que se praticava a poligamia. Cada uma dessas uniões poderá exercer certa força de atração em proporção à sua intensidade no plano onde teve lugar, de sorte que a alma que as contraiu e são mui poucas as que não o fizeram será atraída em diferentes direções pelos vínculos que criou.

Consideremos o progresso de uma alma através da evolução, às vezes num corpo masculino, outras num corpo feminino. Nas fases primitivas da evolução humana, a união era feita apenas como resposta aos impulsos do instinto, como ocorre atualmente entre os animais; assim, somente dois corpos estavam envolvidos: o corpo físico, por meio do qual se realizava a união, e o corpo de desejos do Segundo Plano, que provocava essa união. A união sexual no Primeiro Plano pode acontecer com qualquer membro do sexo oposto da mesma espécie que tenha alcançado a idade necessária, e como essa união não implica emoção alguma, tampouco deixa vestígios. As uniões no Segundo Plano dependem do despertar de uma paixão mútua, e essa experiência modificará a alma de tal maneira, que experimentará facilmente uma recrudescência dessa paixão quando encontrar novamente um indivíduo que uma vez tenha compartilhado de sua excitação. Isto explica essas assombrosas intoxicações dos sentidos que às vezes fascinam homens e mulheres e os levam a passar por experiências que depois deixam atrás de si amargas recordações.

Mas, ainda que essas atrações do Segundo Plano possam causar uma explosão vulcânica de paixão que requererá uma grande força de caráter para poder ser dominada, essas paixões têm curta duração. Só quando a alma tiver evoluído suficientemente, até ser capaz de uma união no Terceiro Plano, se poderá formar um vínculo que vá além dos sentidos e seja capaz de influenciar o caráter.

E mesmo assim podem formar-se várias uniões desta categoria numa só encarnação. A ciência esotérica não ensina que as almas tenham sido criadas em pares, e sim que essas uniões se podem criar no curso de muitas encarnações. Pelas linhas precedentes, pode-se perceber que sobre essas almas podem incidir muitas vicissitudes, enquanto se encontrarem ainda num estado de desenvolvimento primitivo, e que as uniões efêmeras provocadas pelos impulsos do instinto, os únicos mentores das pessoas primitivas, militam umas contra as outras, impedindo que se produza uma união realmente duradoura, porque só a fidelidade durante muitas vidas poderá criar o caso conhecido como "almas gêmeas".

Contudo, duas almas podem se atrair mutuamente com tal força que cada uma é capaz de dominar a outra contra os que venham; então (sempre que não sejam demasiado diferentes em seu tipo), à medida que, corpo após corpo,

vão entrando em funcionamento no curso da evolução, elas ir-se-ão unindo nos planos mais elevados, produzindo-se então essa maravilhosa união de perfeita simpatia e entendimento, tão formosa e tão rara. Não obstante, se o casal é de tipo espiritual diferente, então se produzirá uma tragédia quando suas respectivas natu-rezas superiores começarem a funcionar e a separá-los por causa de seu diferente idealismo. Os antigos credos, tais como o catolicismo e o judaísmo, que têm suas raízes bem arraigadas na sabedoria esotérica do passado, sabem disso, razão pela qual proibem o casamento entre pessoas de crenças diferentes.

Pelo que ficou dito pode-se ver onde está o perigo das relações levianas e promiscuas, chamadas de loucuras da juventude. Tais uniões estabelecem um vínculo que se formam com muito mais facilidade do que se rompem e criam armadilhas para a alma em suas futuras vidas. Entre os povos primitivos, que têm muitos conhecimentos de ocultismo prático, dá-se a maior atenção à magia sexual, uma das mais poderosas formas de magia que existem, e em muitas partes do mundo existe um conhecimento tradicional considerável dos genuínos métodos ocultos que se usam junto com as drogas afrodisíacas. E os homens pertencentes às civilizações mais adiantadas, que abusaram de seu poder em relação às mulheres das tribos mais primitivas, descobrem às vezes que se enredaram com vínculos tais que não podem romper-se com facilidade, havendo-se posto em contato com forças cuja sutileza só pode equi-parar-se ao seu desprazer.

O Vínculo Cósmico

Existe um aspecto das relações sexuais muito menos compreendido ainda que as já mencionados nos capítulos precedentes. O vínculo entre as almas, que os esoteristas mais profundos conhecem como o Vínculo Cósmico, é um dos mais profundos e fortes e, ao mesmo tempo, o mais belo de todos os segredos da Tradição Esotérica Ocidental. A civilização europeia sempre tem estimado a mulher em alto grau, sustentando que, se a metade dos habitantes de um país se encontra em estado retrógrado, o nível geral da evolução da raça terá forçosamente de rebaixar-se. A atitude geral das raças brancas se reflete em sua tradição esotérica, na qual se sabe que as almas, enquanto encarnadas em veículos negativos ou femininos, não só têm lições especiais a aprender, mas também encerram poderes especiais, atribuindo-se uma importância superlativa à cooperação das forças masculinas e femininas em todos os trabalhos do ocultismo prático. Em certas ordens, tem-se o cuidado em manter o equilíbrio entre o número de membros masculinos e femininos, e não se permite que um sexo predomine sobre o outro além de certa proporção.

Tomando a eletricidade como o tipo de força mais análogo às potências invisíveis que se encontram atrás do mundo visível e determinam suas condições, o ocultista sabe que toda força precisa ter, não somente um condutor por onde flua desde a fonte divina, senão também um Circuito de Retorno, e que toda forma que age como transmissora dessa energia precisa ter um aspecto positivo e outro negativo. O veículo masculino é positivo e o feminino, negativo; por conseguinte, o ocultista prático nota que para certas classes de tarefas é necessário operar em parceria ou polaridade, porque só assim pode estabelecer-se um circuito, induzindo-se um fluxo de força cósmica.

Como já temos explicado precedentemente, os veículos correspondentes aos diferentes planos são positivos e negativos em sua relação uns com os outros. A individualidade é positiva em relação à personalidade, que é negativa em relação à potência superior de seu Eu maior. Se um indivíduo está suficientemente evoluído para pôr qualquer dos níveis de sua individualidade em funcionamento e correlacioná-los plenamente com a sua consciência, ele poderá provocar o fluxo e retorno da corrente ou energia cósmica dentro de seu próprio organismo, alcançando assim um alto grau de

poder e iluminação. Por exemplo: os ideais e objetivos espirituais, assim como a percepção abstrata de princípios pertencentes ao quinto e sexto veículos, podem ser utilizados para iluminar e inspirar as atividades da personalidade.

Por outro lado, para o uso das potências maiores e as operações do ocultismo superior, é necessário que se trabalhe aos pares, polarmente, podendo então suportar-se a grande voltagem cósmica, sem o perigo, tão conhecido por todos os que se dedicam ao ocultismo prático, de entrar em circuito com a terra. O par que trabalha desta forma abre um canal para as energias divinas que fluem por ele com um poder assombroso, magnetizando-se não só o próprio par, como também todo o ambiente que o circunda. Desta maneira, os poderes de cada um aumentam enormemente e toda a natureza é estimulada e levada até a mais alta perfeição de suas capacidades. Se um indivíduo que não esteja trabalhando em combinação com outro que sirva de circuito de retorno evoca as grandes forças cósmicas, estas buscarão o circuito de retorno por si mesmas, através de qualquer veículo que se aproxime suficientemente, produzindo-se entre ambos algo assim como uma chispa elétrica. Se o indivíduo que recebe a energia não tem o calibre suficiente para suportar a voltagem, sua natureza emocional, metaforicamente falando, se fundirá e se produzirá um circuito aberto de energia cósmica, que também fundirá o veículo positivo ou masculino, queimando tudo o que houver em sua vizinhança e rompendo o contato com as forças divinas. Todos os que têm trabalhado nesses círculos interessados em estudos ocultos devem estar familiarizados com esse acidente, que ocorre frequentemente com aqueles que, tendo somente conhecimentos fragmentários, tratam de operar com as forças invisíveis. Quantas vezes acontece que um homem, que está trabalhando bem, de repente como instrutor e iniciador dos demais, abandona tudo por amor a uma mulher que, apesar de ser absolutamente indigna dele, arranca-o da elevada missão para a qual havia sido chamado! Este é um fato tão comum que os que têm o conhecimento necessário são sumamente precavidos e, não de balde, têm o máximo cuidado antes de se inscreverem como discípulos de pessoas eminentes, por maiores que pareçam os benefícios que irão obter, pois a queima de um fuzível no plano físico não tem nenhuma importância em comparação com um acidente similar no trabalho oculto.

Contudo, se essas forças forem devidamente compreendidas e usadas, o mais elevado trabalho oculto pode ser feito com toda a segurança; é porque nem sempre é possível conseguir um circuito perfeito que a manipulação de certas energias se torna perigosa. O expediente do uso de pára-raios de emergência nem sempre é satisfatório. Não se deve crer tampouco que os ocultistas prestam demasiada atenção à questão sexual, ou sejam mais sensuais que os seguidores de outras linhas de estudo; mas como suas investigações levam-nos aos fundamentos mesmo da natureza humana, têm que levar em conta, em seus cálculos, as forças sexuais, pois do contrário correriam o risco de serem arrastados desprevenidamente pelas ondas que desconhecem. Os ocultistas trabalham com as forças da própria Vida, e um dos aspectos dessa energia vital é o sexo.

Como já assinalamos num dos capítulos anteriores, as forças vitais fluem através de todos os sete corpos humanos como energia pura, e são condicionadas pela natureza do corpo, mental, emocional ou físico, no qual tomam forma. A vida em si mesma não pode ser considerada como seu esperma: se é usada para mover o mecanismo do corpo mental, produzirá pensamentos; mas se é dirigida para o funcionamento dos órgãos reprodutores, então produzirá esperma. Na realidade, ela é dirigida para qualquer parte de nossa natureza para a qual dirigamos nossa atenção. E se não nos tivermos disciplinado suficientemente para controlar nossos pensamentos, de modo a podermos mantê-los afastados de qualquer

particular durante certo período, correremos gravíssimos riscos ao abrirmos os canais de nossa natureza a uma soma de energias maior do que a que podemos suportar. Esse perigoso aumento da receptividade se efetua mediante certas formas de respiração, meditação ou magia ritual, e o risco reside no fato de que se um pensamento sensual se insinua na consciência, num momento em que os canais estão abertos e as forças em pleno fluxo, essas forças seguirão imediatamente o foco da atenção e o resultado será uma explosão de paixão e sensualidade. Só a concentração do pensamento pode conseguir que essas energias se ajustem ao seu trabalho predeterminado, da mesma maneira que o automóvel é dirigido pela mão do motorista. Se a atenção vacila, vacilará também a direção da energia que está sendo utilizada. Usar grandes energias ocultas é como utilizar um poderoso automóvel de grande velocidade: tudo depende do controle. Se não tivermos a serenidade necessária para manejá-lo, melhor será irmos a pé. São muitas as pessoas que fazem experiências com as forças desconhecidas, mas muito poucas conhecem verdadeiramente a sua realidade até o momento em que se se vêem diante de uma tarefa demasiado difícil.

O ocultista devidamente preparado, conhecendo esses fatos, quando não consegue obter um circuito perfeito para as energias cósmicas, abstém-se de certos tipos de trabalho.

Certa ocasião foram ditas ao escritor estas palavras: "Só os que estão bem casados podem alcançar os graus superiores". Os trabalhos mais importantes sempre são realizados por um casal, e não por um trabalhador isolado, o qual sempre é mais ou menos instável, e nada é menos desejável no ocultismo do que a instabilidade. Para essa classe de trabalho requer-se a existência de um vínculo da maior harmonia no plano superior, e essa intimidade e proximidade só são sancionadas por nossa sociedade quando estão regularizadas pelo casamento. Não é necessária, absolutamente, uma união no plano físico e, na realidade, ela nunca ocorrerá enquanto as forças vitais estiverem sendo usadas em outros níveis. Mas quando não se está trabalhando assim e são muito poucos os que têm a energia necessária para fazê-lo continuamente e sem interrupção alguma então essas forças tenderão a seguir, sua linha natural, e se esse canal não estiver aberto, poderão produzir-se grandes transtornos. Ademais, sé algumas das operações da magia prática não têm completo êxito, então é muito vantajoso poder descarregar as forças não utilizadas pelos condutos naturais no plano físico. É muito possível que um homem e uma mulher possam trabalhar juntos durante toda a sua vida sem terem recorrido ao plano físico, mas só podem fazê-lo as naturezas muito evoluídas e disciplinadas, e as pessoas que se associam sem poder, dado o caso, sancionar sua associação com o casamento, devem entender que estão afrontando uma tarefa bastante pesada.

Pode parecer injusto que uma pessoa se veja retardada em seu progresso espiritual por causa de as circunstâncias lhes haverem negado um companheiro adequado, mas tal não acontece quando se considera o caso do ponto de vista esotérico. Se o leitor avançou suficientemente para compreender as operações indicadas nas páginas precedentes, ele poderá ser um iniciado nos grandes mistérios e terá podido desviar o foco de sua vida da personalidade para a individualidade; ele terá algumas recordações de suas encarnações passadas, compreenderá as fases distintas de sua existência e seu sentido do EU se estenderá além do nascimento e da morte. Saberá que as circunstâncias de sua vida atual dependem de suas vidas passadas, da mesma maneira que as circunstâncias de nossa velhice dependem das ações de nossa juventude e de nossa virilidade. Verá um futuro de muitas vidas estendendo-se diante dele e saberá ao mesmo tempo que esse futuro está sob o seu controle. Por conseguinte, compreenderá

que nem todas as experiências poderão ser realizadas nesta existência, pois pode deixar certos trabalhos para outras encarnações, porque as condições em que se encontra atualmente não são apropriadas para a sua realização.

O fato de sentir o desejo de se casar não significa necessariamente que já esteja preparado para a grande união cósmica que estamos considerando. Tal união exige algo mais do que uma simples decisão sua. Se, porém, ele chegou ao momento em que deve manejar forças cósmicas já focalizadas, então, com esse objetivo, ele deverá efetuar a união cósmica, que não será uma união de um amor pessoal, mas da capacidade de prestar serviços segundo as linhas de seu poder. Nenhum amor aparece nesta união no seu início; na realidade, pode ser uma união entre dois estranhos; conquanto, a profunda harmonia indispensável para a formação do circuito poderá fazer surgir depois o amor.

O Vínculo Cósmico é a união entre dois indivíduos com o objetivo de realizar algum trabalho oculto que só pode ser efetuado por duas unidades trabalhando em polaridade; não tem nada a ver com o amor ou a atração como são entendidos vulgarmente. Seu motivo é o serviço e mais nada; é uma sociedade feita com vistas no trabalho a ser realizado. Os participantes dessa união não escolhem seu par: eles se oferecem para servir o Mestre nos planos internos, de que são discípulos; e, devido à Sabedoria de um plano superior, eles se unem em consideração às suas qualidades e capacidades para o serviço, de acordo com o raio ao qual pertencam.

A diferença essencial entre os Vínculos Kármico e Cósmico está no fato de que o Kármico começa nos planos inferiores e age de baixo para cima, assim como os corpos que vão entrando em função um após outro, enquanto o Vínculo Cósmico começa nos planos superiores e age de cima para baixo. O Vínculo Kármico faz parte da disciplina normal da evolução, enquanto que o Vínculo Cósmico é supranormal, pois pertence a um código de leis completamente diferentes das que governam a ordem geral da humanidade. Este é um dos Grandes Mistérios e, como tal, está reservado aos iniciados, e mencionamo-lo aqui apenas porque existem muitas pessoas que estão tentando realizar esses mistérios sem terem recebido a devida iniciação: estão fazendo experiências com grandes forças naturais em completa ignorância de sua potência e de sua natureza. E é aí que está o perigo.

COMO AS ALMAS GÊMEAS SE ENCONTRAM

Primeira seção

As almas podem alcançar a união por três formas distintas: primeiro, pela atração sexual comum; segundo, pela renovação dos Vínculos Kármicos e, terceiro, de acordo com as mais altas leis cósmicas. Se quisermos ajustar nossas vidas de forma sincera e harmoniosa, é preciso que compreendamos cada uma destas três formas de atração, porque cada um de nós pode ser atraído para o outro por meio de uma delas. Não devemos esquecer, também, que, enquanto formos simples seres humanos, teremos a possibilidade de sentir atração sexual, cuja capacidade deve ser orientada pela razão, a não ser que ela prove ser um guia perigoso e míope.

A rapidez de nossa resposta à atração sexual é devida ao fluxo e refluxo de certas ondas fisiológicas que se produzem no organismo, e devemos lembrar-nos sempre que a influência que certas pessoas podem exercer sobre nossas emoções muitas vezes é devida ao nosso próprio estado emocional. Geralmente, depois de ter chegado à puberdade, toda pessoa do sexo oposto exercerá alguma atração sobre nós, a menos que essa pessoa possua atributos que a tornem suficientemente repulsivas para contrabalançar qualquer atração. As diferenças de idade, de situação social, ou os defeitos físicos, neutralizam a atração instintiva, salvo quando esta atração seja excepcionalmente poderosa.

Se não existe nenhuma barreira imediata e a união se realiza como consequência do impulso físico traduzido em emoção, neste caso o êxito dessa união dependerá da harmonia ou discordância que a experiência revelar entre os caracteres de ambos. A união realizada sem a devida reflexão depende, para sua felicidade, da pura sorte, e é tão rara quanto um lance feliz de dados.

Essas uniões são extraordinariamente comuns, mesmo entre pessoas consideradas educadas e cultas. Os jovens, quando sentem a estranha força de suas crises sexuais, casam-se logo que seus meios económicos o permitem, e até antes, para escaparem à tensão emocional a que estão sujeitos, procurando enquadrar seus desejos aos seus ideais. "Racionalizam" erroneamente os seus sentimentos e idealizam de forma surpreendente o objeto dos mesmos, resultando daí que, uma vez satisfeitas e aquietadas as suas necessidades físicas, quando abrem os olhos vêem-se amarrados por toda a vida com uma pessoa absolutamente incapaz de satisfazer-lhes as necessidades da mente, do coração e do espírito. O resultado é a infelicidade. Com a experiência, aprendem tarde demais o que é preciso para uma união feliz. Basta lançarmos um olhar ao nosso redor para ver que, muitas vezes, o segundo matrimónio é mais feliz; porém, infelizmente nem sempre as nossas leis proporcionam a oportunidade de um segundo matrimónio, a não ser quando a morte ou o divórcio público terminam com o primeiro. E homens e mulheres se vêem obrigados a viver numa união fracassada em seus propósitos, ou entram num acordo sobre o qual a desaprovação da sociedade pesa tão fortemente que raramente cumpre os seus fins.

Embora a grande maioria se case em obediência às leis mais simples da Natureza, leis que fazem desabrochar as flores do campo e levam os animais até a morte leis que, não obstante, são divinas e não podem ser menosprezadas, precisamos nos conscientizar de que as uniões de tipo mais elevado são governadas por leis superiores que, quando obedecidas, constituem um penhor de harmonia.

As pessoas que leram muitas obras sobre esoterismo e sentiram que entre as almas existe algo mais que a simples atração sexual, podem ser tentadas a desprezar essas forças simples mas poderosas, recusando uma união que temem seja vulgar e comum, à espera de um companheiro que lhes tenha sido destinado pelo karma e com o qual tenham estado unidas em vidas passadas e cuja chegada ficam esperando. Aí está um dos perigos da divulgação das doutrinas ocultas. Se essas pessoas nada soubessem sobre ocultismo, poderiam talvez ter se casado e sido felizes de acordo com as leis da Natureza; porém, conhecendo o suficiente para rejeitar a sugestão de seus instintos, mas não conhecendo o bastante para distinguir as fantasias que surgem dos desejos subconscientes dos impulsos provenientes da própria individualidade, essas pessoas podem afastar o inferior sem alcançar, com isso, o superior. O ocultista bem preparado sabe como resolver esses problemas, o que não ocorre com o simples investigador. Os métodos para enfrentar esse psiquismo não podem ser dados aqui; porém o leitor fica avisado de que deve fazer um exame cuidadoso de si mesmo antes de arriscar sua felicidade e a de outra pessoa, julgando tudo como impulso que pode não ser razoável.

Em tais circunstâncias, ele precisa provar e comprovar, com todo o cuidado possível, o seu impulso. Primeiro, ele deve considerar detidamente se a sua intuição lhe aponta alguma outra alma com a qual esteja ligado por laços kármicos, e se tais laços, com o passar dos meses e mesmo dos anos, se tornaram mais fortes ou mais fracos. Em segundo lugar, caso exista essa alma gêmea que o espera, se algum médium de confiança pode verificar o fato e confirmar a sua impressão. Geralmente, porém os médiuns não são mais infalíveis do que os médicos especialmente aqueles que fazem comércio com seus poderes sagrados, e qualquer pessoa que consulte um médium, deve fazê-lo ao menos a uns três para ver se concordam entre si. Além disso, um bom astrólogo, a quem deve fornecer os dados necessários para um horóscopo, poderá dizer-lhe com bastante exatidão quando ocorrerá o encontro decisivo. Se, porém, as informações dos médiuns não se confirmarem, e se os astrólogos, examinando separadamente os horóscopos, não estiverem de acordo, então o suposto explorador do oculto deve ser bastante sábio para supor que seus impulsos intuitivos são fantasias de sua mente subconsciente e esperar pacientemente até que chegue o dia da iniciação, que sempre vem quando o aspirante está amadurecido para ela, em vez de se pôr a explorar o oculto sem nenhum guia e com grave perigo.

Um conhecido escritor, ao falar sobre o amor e o matrimônio, ridicularizou a ideia de que pudesse haver algo mais que a atração instintiva entre o homem e a mulher, e destacou o fato de ser uma curiosa coincidência que as almas gêmeas nascessem na mesma cidade ou que, vindas de várias partes do mundo, se encontrassem no mesmo lugar. A ciência esotérica, porém, sustenta que existem certos agentes trabalhando no sentido de provocar esses encontros, da mesma maneira que existem potências que governam as migrações das aves e a volta dos cometas. É bem conhecido o fato de que os astrónomos podem predizer com segurança, matematicamente, a data em que devem voltar os cometas. Relativamente ao encontro das almas gêmeas, ele é regulado pela ação da força popularmente chamada de karma, ou destino, a soma total das causas postas em movimento no passado, que é a que determina as condições do presente.

É impossível entrar aqui em detalhes no que se refere a essas leis; basta dizer que, depois da morte, as almas recolhem em si mesmas os frutos da experiência da vida que acabam de terminar, e quando chega o momento da nova encarnação, são enviadas a renascer sob a influência de certas forças no momento preciso em que as influências planetárias produzem as condições necessárias para a elaboração do destino assinalado. Portanto,

um astrólogo que conheça o momento exato do nascimento, pode, mediante o estudo do horóscopo, dizer que karma deverá estar em ação no curso da encarnação, assim como as datas exatas em que se produzirão as crises. Essas leis secretas formam parte importante dos estudos da ciência oculta, e pelo seu conhecimento podem ser feitas predições com notável exatidão. Os detalhes relativos a essas influências são muito complexos para serem tratados aqui, porém basta dizermos que, com relação ao vínculo kármico entre as almas, elas ativarão como as ondas no mar, e só os grandes adeptos podem influir em seus efeitos. Não podemos dirigir os resultados das causas que tenhamos posto em movimento nas vidas passadas, embora possamos controlar nossas reações relativas aos efeitos que elas produzirão. Só no futuro teremos plena liberdade para exercer a nossa vontade, porque no presente, sempre em movimento, estamos igualmente pondo em ação as causas que nos enfrentarão face a face quando seu ciclo tiver terminado.

Segunda seção

Nossa melhor esperança de libertação de todas as dificuldades que a ignorância e as falsas doutrinas têm criado em torno do 'problema do casamento' reside no conhecimento das leis cósmicas que regem essa união. Nas primeiras etapas da evolução, o ser humano vivia em estreito contato com a Natureza; seu conhecimento provinha muito menos do livre arbítrio, da memória ou da razão, e deixava-se guiar inteiramente por seus instintos. Quando o curso do tempo trouxe o desenvolvimento da mente superior, o problema se complicou grandemente. O instinto era suficiente quando se tratava apenas da união nos planos inferiores da personalidade, mas quando a individualidade, com suas relações com a evolução e o cosmos como um todo começou a funcionar, exigindo uma união tal que permitisse seu completo desenvolvimento e expressão, o instinto já não bastava como guia, porque havia outros fatores que tinham de ser levados em conta, fatores que estavam muito além do alcance da natureza inferior. A razão e a intuição espiritual têm que ser usadas para a orientação do Eu superior; temos que nos elevar acima da dor e do prazer do momento, ou de toda uma encarnação, e basear nossa vida no universal e eterno para que a vida maior, que vai além do nascimento e da morte, cumpra seus propósitos.

Suponhamos o caso de uma pessoa que, se bem que seja capaz de responder normalmente à atração sexual, e tenha, como todos, vínculos e laços com o passado, não queira ver-se amarrada por nenhuma dessas coisas, mas queira realizar sua união nos planos mais elevados que a evolução tenha aberto à nossa raça. Que deve fazer? No mundo físico, ela deve manter-se completamente passiva, nem buscando nem evitando contato algum que possa levá-lo ao seu par; no plano astral inferior, tranquilizará suas paixões e tratará de sublimá-las mediante uma vida abstinência e o domínio ou controle do pensamento suficiente para que não sejam muito insistentes, pois não é à luz das paixões que poderemos escolher o par de acordo com as leis superiores. No Terceiro Plano, o dos ternos afetos, ela deve permitir que o amor flua sem obstáculo para todas as coisas, de maneira que, seja qual for a senda pela qual venha seu par, encontre sempre o amor em seu caminho e as portas abertas. Logo, ela deve elevar sua consciência até o mais alto plano em que seja capaz de funcionar, meditando nos mais elevados ideais que possa conceber; uma vez que se encontre neste estado, ela deve meditar sobre as características que precisará ter o par para satisfazer as suas necessidades. Uma vez definidas essas características, até conseguir formar uma imagem muito

clara em sua mente, então pode imaginar-se a si próprio buscando e chamando, até que se faça ouvir pela própria insistência de seu esforço, até que uma alma, cuja natureza a tenha colocado no plano a que ele mesmo se elevou pela meditação, ouça o seu chamado e lhe responda.

Quando semelhante união é realizada nos planos internos, seus efeitos se tornam visíveis na vida interna muito antes de ocorrer o encontro no plano de manifestação. A paz da verdadeira união invade a alma, mesmo que ainda não tenha aparecido seu par no mundo visível. Algumas vezes, o encontro não ocorre no mundo visível, porque o impedem as condições kármicas, mas o vínculo subsiste e pode ser desenvolvido e produzir tudo o que a natureza superior necessitar. Na verdade, a pessoa pode encontrar um companheiro que já tenha passado a fase da evolução durante a qual ocorre a encarnação, e então se produz essa estranha sociedade entre o visível e o invisível. Grande parte da obra dos Mestres se realiza mediante uma associação como essa. Tais coisas só podem ser mencionadas, pois as pessoas suficientemente evoluídas para experimentá-las também estarão suficientemente evoluídas para obter orientação de que necessitam.

Devemos outra vez prevenir contra o perigo de se tomarem as fantasias subjetivas pelos fatos objetivos. Nosso guia mais seguro nestas questões é a humildade, que nunca se imagina grandes coisas a respeito de si mesma, mas trata de servir em todas as formas possíveis naquilo que lhe vem às mãos e aceita com gratidão as coisas que lhe acompanham cada dia. As grandes experiências costumam vir aos humildes e bondosos, mais que aos que estão cheios de curiosidade e insaciável vaidade. Quem não consegue levar com êxito a vida num único plano da existência costuma cometer a imprudência de multiplicar suas dificuldades ampliando o seu conhecimento.

A DOCTRINA ESOTÉRICA DO MATRIMÔNIO

Uma das principais causas dos problemas que rodeiam o matrimônio na vida moderna são os convencionalismos que nos impedem de encarar honradamente os fatos com os quais temos de tratar. O cientista esotérico, cujo objetivo consiste em compreender e controlar as causas que estão detrás de toda aparência, devido à natureza mesma de suas investigações, tem que encarar os fatos de frente.

Ter-se-á notado já que nas páginas precedentes temos falado muito da união das almas, mas empregando raras vezes a palavra "matrimônio". E isso por uma razão muito simples: união e matrimônio são de fato duas coisas diferentes. "União" significa o funcionamento de dois organismos em polaridade, de tal maneira que, durante esse tempo, formam como que as metades de um todo, enquanto que o "matrimônio" é só um contrato legal. A união é um fato atual e real. Existe ou não existe união, da mesma forma que se acende ou apaga a luz elétrica. Mas o matrimônio é uma convenção flutuante. Como poderia sustentar-se que um matrimônio inglês, com o estado livre e honroso que concede à mulher, é igual a um matrimônio turco? Contudo, ambos são matrimônios, de acordo com as leis de seus respectivos países. E acaso o matrimônio na Inglaterra, é eventualmente o que era há cem ou há cinquenta anos?

O matrimônio é muito mais que a união: é uma sociedade comercial para toda a vida, e as leis que o regem são a tentativa da sociedade para padronizar o tratamento que os diferentes membros do lar devem receber uns dos outros. Em primeiro lugar, estão os deveres recíprocos do marido e da esposa; em segundo lugar, vêm as obrigações que eles assumem para com a sociedade e para com seus filhos. E essas obrigações e deveres tiveram que ser considerados ao se estruturarem as leis matrimoniais. Essas leis são o mais aproximado que se pôde fazer até agora com vistas a uma codificação das leis naturais. Infelizmente, as leis matrimoniais na Inglaterra estão muito longe de se aproximarem da perfeição possível que podem ter esses instrumentos, mas temos que viver com as leis que existem e as necessidades da natureza humana têm que conter-se dentro das solicitações do Estado.

O esoterista considera as leis matrimoniais e sua observância ou violação do ponto de vista do karma, sendo seu objetivo não pôr em movimento mais forças que as que estejam em completa harmonia com as leis divinas. Se as leis que regem o matrimônio em seu país são contrárias à lei natural e a pessoa obedece a essas leis, então ela terá que sofrer por desconhecer a lei natural, mas não porá em movimento nenhuma causa poderosa para o mal em seu futuro. Por outro lado, se ela esquece os códigos sociais, embora ela atenda às suas conveniências, causará sofrimento a outros, e esse sofrimento, de acordo com as leis do karma, cairá sobre sua própria cabeça e retardará o seu progresso. Sejam sãs ou não as leis que regem o matrimônio em cada país, não podemos furtar-nos ao fato de que o contrato do matrimônio constitui um negócio e que quem viola suas promessas empenha sua honra.

Todavia, se uma das partes contratantes não cumpre suas obrigações, então, de acordo com as leis do contrato, a outra parte fica em liberdade; mas só com respeito ao contrato matrimonial é que a lei, influenciada pelos teólogos, mantém as obrigações da parte agravada, o que é completamente injusto. O esoterista crê que a falta de cumprimento das obrigações matrimoniais por uma das partes, deixa a outra moralmente livre, embora tal não ocorra legalmente. Livre com respeito às obrigações que tiver com o cônjuge culpado, mas não livre para entrar em relações

ilegais com outra pessoa, porque ao fazê-lo expõe essa pessoa aos rigores do código social, e pode causar-se um grande sofrimento expondo uma alma, nessas circunstâncias, a que renasça sem ter lar para oferecer-lhe. Todos temos o direito de sacrificar nossas próprias vidas, mas não a vida dos demais; e o ocültista, que crê que uma alma não está menos viva e é menos pessoal pelo fato de momentaneamente carecer de um corpo físico, tem que ter um conceito mais rigoroso da falta de castidade do que o do mundo em geral, embora a considere não tanto uma ofensa para com a pessoa, mas um pecado contra quem ainda não nasceu. Se existissem sistemas certos para impedir a concepção, então o problema seria completamente outro, porque as duas pessoas adultas que se encontrassem nesse caso não afetariam mais vidas que as suas próprias. Mas o único sistema absolutamente seguro de evitar a concepção é abster-se de toda união sexual, e as leis da vida superior obrigam a essa abstenção a todos os que não puderem legalizar sua união tendo em vista as possíveis consequências.

A ATITUDE ESOTÉRICA RELATIVA À CRIANÇA

A ciência esotérica não deve considerar cada criança que nasce como uma alma recém-criada. Embora o novo corpo tenha sido criado agora, a vida que o anima foi individualizada milhares de anos antes e as experiências pelas quais passou essa vida são as que determinam as características da nova personalidade, da mesma forma que as causas postas em movimento nas vidas passadas são as que determinam a situação em que se produz o renascimento. Se os pais proporcionam um bom ambiente para o filho que esperam ter, nesse lar podem reencarnar almas elevadas.

É esta, portanto, a essência do conceito esotérico das relações entre pais e filhos: os pais abrem um canal pelo qual a alma pode reencarnar-se e continuar assim a sua evolução, tornando-se credora para os pais na grande conta-corrente do destino.

Relativamente a isto, aparece um ponto de que devemos tratar para esclarecer esse conceito, embora não se refira de forma estrita ao tema esotérico do sexo. Assim como cada um de nós afeta a vida daqueles com quem entramos em contacto, tornando-a boa ou má, assim também cada um de nós é agente do destino que aumenta as dívidas contraídas em existências passadas. Se nos portarmos bem com os outros aumentaremos, conseqüentemente, sob a direção da lei de causa e efeito, o nosso crédito e colheremos o resultado nesta ou em próximas existências; se fizermos mal, colheremos também o que tivermos semeado, na mesma moeda. Poderíamos pensar que é o destino de cada pessoa que a faz agir bem ou mal e que, portanto, o agente do destino não é responsável por suas ações em relação aos demais. A isto responderíamos que cada pessoa atrai para si as condições que ela mesma criou, e seus méritos podem convertê-la em veículo do bem que tenha merecido, e não do mal. Se uma pessoa acumulou grande quantidade de causas malélicas, o próprio castigo pode consistir em servir de canal através do qual sobrevenha o sofrimento, pagando assim dobrado as más obras do passado. "é preciso que este mal se produza, porém desgraçado daquele por cujo meio ele sobreviver!"

Mesmo os melhores pais podem servir de canal de sofrimento para seus filhos, por perdas financeiras, enfermidades hereditárias insuspeitas, porém, para podermos compreender devidamente esses acontecimentos devemos entendê-los do ponto de vista de uma evolução, não de uma única encarnação, educando os filhos o melhor possível para que reajam no seu ambiente, de tal maneira que sejam capazes de transformar o mal em bem. Também é bom lembrar que o sofrimento não é necessariamente sinónimo de mal, e que algumas experiências valiosas só podem ser adquiridas através da dor e das proações.

No entanto os pais deviam ter o cuidado de abster-se de aceitar voluntariamente almas em lares pobres e miseráveis, ou de correr o risco de darem ao mundo filhos débeis ou fisicamente enfermos, aumentando assim a soma dos males para eles mesmos no futuro. Surge então a questão de como impedir a concepção, assunto que trataremos mais tarde, depois de ser explicada a controvertida questão da encarnação, o que tornará possível compreender esse assunto do ponto de vista esotérico.

Consideremos agora o que acontece quando a alma, depois de ter contemplado seus pecados no purgatório, adquirindo o direito de passar para um estado comumente chamado de céu, se prepara para voltar mais uma vez à terra a fim de passar por novas experiências. Devido à ação de grandes leis demasiado complexas para serem consideradas aqui, essa alma é levada a um lugar e a um tempo em que conquista as condições necessárias para que se possa produzir a sua concepção, e o corpo que vai

se formar encontra o meio ambiente adequado para a realização do destino próprio dessa alma.

É sabido que o espermatozóide, ao se pôr em contacto com o óvulo, pelos meios físicos ordinários, pode ou não fertilizá-lo, e as leis que governam essa possibilidade são desconhecidas pela ciência exotérica. No entanto, a ciência esotérica diz que, se o caso é de uma alma já pronta para se encarnar nestas circunstâncias, ela se introduzirá no veículo assim previsto e se ligaria à matéria. Não existir essa alma, ou se as condições astrológicas nos nove meses seguintes forem inadequadas para a formação de seu destino por meio de influências planetárias, a oportunidade de nascer será retirada, não haverá uma nova vida e o óvulo se desintegrará e será expulso pelos meios naturais comuns.

Enquanto se realiza a união sexual, as forças sutis das duas naturezas fluem violentamente e se fundem, e como acontece quando duas correntes de água se chocam entre si, produz-se um vórtice ou remoinho. Esse vórtice se estende a todos os planos nos quais se pode produzir a união dos diferentes corpos, de tal modo que, se duas pessoas, durante a união sexual, se idealizam mutuamente e têm elementos espirituais na natureza de seu amor, esse vórtice assim criado estende-se até um dos planos mais elevados. Contudo, se duas pessoas cujo conceito do amor fica confinado ao prazer puramente físico criam esse chamado vórtice de ingresso, ele não irá além do segundo plano das paixões animais. As almas esperam sua encarnação no plano dos mundos internos adequados ao seu estado de consciência, da mesma maneira que, ao saírem de uma existência pela morte, "seu pensamento as leva, imediatamente, ao seu próprio lugar". É mediante o vórtice de ingresso que as almas se tornam aptas a atravessar os planos e pôr-se em contato com uma molécula de matéria densa, obtendo assim entrada no plano de manifestação, porque é com essa molécula vitalizada como núcleo que se pode formar o corpo físico em torno dela. Daí se segue que, quanto mais elevado for o vórtice de ingresso através dos planos, tanto mais elevada será o tipo de alma que espera o seu tempo no plano mental superior no qual ela constata as condições apropriadas para o astral inferior.

Se duas pessoas anseiam atrair para a existência uma alma digna dos serviços que estiverem preparadas a prestar-lhe como pais e, uma vez isto tenha sido combinado, estão prontas para se porem de lado, abnegadamente, de tal modo que quando essa alma houver chegado à idade adulta, possa servir livremente o mundo, sem ser tolhida por vínculos de amor pessoal demasiado estreitos, então eles devem fazer preceder sua união física de uma meditação a respeito dos mais elevados ideais que sejam capazes de conceber, e manter essa meditação durante todo o tempo de sua união, não permitindo que a mente desça à pura experiência da sensação física, com exclusão de qualquer outro sentimento. Pelo vórtice assim aberto, podem vir à vida almas de caráter muito elevado, mas os pais deverão sempre recordar que as almas assim concebidas jamais lhes "pertencerão" na forma em que os filhos provenientes de uma união mais pessoal pertencem à família. Os cisnes geram patinhos feios, e quanto maior for a alma que assim se encarne, tanto maiores serão as exigências que ela fará aos que lhe deram o ser. As diferentes normas ideais, formas de vida e até estados de saúde física exigirão muito da sabedoria e da tolerância dos que tentarem semelhante tarefa. Mas, juntamente com o conhecimento que faz com que estes primeiros passos no ocultismo prático se ponham ao alcance da generalidade dos seres humanos, temos que prevenir que semelhante tarefa não é leve e exige grandes qualidades mentais e de caráter para que possa ser realizada com êxito. Se o caráter não está desenvolvido de forma harmoniosa, de tal maneira que, conquanto seja capaz de alimentar grandes ideais, a natureza inferior se ache ainda

bastante forte para fazê-los desviar de seu curso, então se necessitará de uma disciplina muito dura e exigente, porque o inferior terá que se sacrificar ao superior, e os pais ao filho, ao produzir-se um conflito de interesses entre ambos. Contudo, se os pais forem dignos da confiança depositada neles, descobrirão que a senda dos planos superiores pela qual o filho desceu até eles permanecerá aberta para seu próprio desenvolvimento.

ENSINOS ESOTÉRICOS REFERENTES À PREVENÇÃO DA CONCEPÇÃO E AO ABORTO

O esoterista considera a vida como uma força cuja natureza está determinada pelo mecanismo que a põe em ação e sustenta que cada plano tem suas próprias funções a realizar no conjunto do cosmos. A vida, agindo através dos órgãos geradores no mundo físico, tem como objetivo a criação de veículos para almas que nela ingressam e não deveria, em realidade, ser empregada com nenhum outro fim pois, do contrário, significaria uma perda. Por outro lado, se se permitiu que as forças vitais entrassem no corpo do Primeiro Plano em maior quantidade que a indispensável para sua manutenção, isso pode causar sérias perturbações, mentais e físicas, caso não se permita que elas completem o circuito. Nesses casos, se é indesejável que venham encarnar-se almas em tais circunstâncias, é melhor fazer uso de processos que impeçam a concepção do que submeter-se a uma repressão das forças vitais, que podem afetar tanto a saúde física quanto a mental. Jamais, porém, se deve abusar de tais meios, que devem ser considerados mais como uma medida de higiene e não como meio de se desfrutar dos prazeres sexuais sem ter que arcar com suas obrigações. Os que se encontram em situação de prover corpos sãos, às almas que vêm, e egoisticamente se abstém de o fazer, pecam contra a própria vida, e sua união fica profanada, ainda que a Igreja e o Estado, unidos, lhes tenham dado sua bênção. Nenhuma união recebe a bênção cósmica enquanto não tiver produzido um fruto, pertença esse fruto ao corpo ou ao espírito.

Os conceitos falsos acerca da higiene sexual são de duas classes: os que declaram que a união sexual constante é absolutamente necessária e os que contrariamente a declaram absolutamente desnecessária. Ambas as opiniões são falsas. A vida precisa fluir num circuito e para isso são necessários os pólos positivo e negativo de manifestação, mas não é mister que o ponto de união seja forçosamente constituído pelos órgãos físicos geradores: pode ser a mente ou o espírito. Se lemos uma obra escrita por uma inteligência maior que a nossa, podemos sentir-nos estimulados a desenvolver uma atividade criadora, porque sua mentalidade fertilizou a nossa. E aqui temos um exemplo de polaridade no sentido cósmico.

Muitos se surpreenderão ao saber que os benefícios da união sexual derivam, não das reações físicas que ela produz, mas das correntes geradas nos corpos etéricos ou contrapartes da matéria sutil de que é formado o corpo físico, e que esse intercâmbio sexual pode conseguir-se mediante a simples fusão das auras, essa emanção de vapor luminoso que os médiuns podem ver envolvendo o corpo humano. Poder-se-ia perguntar: se é assim, então como é que não entramos em relações desse tipo com as pessoas que se sentam ao nosso lado num bonde ou num trem? Isso não ocorre porque a falta de resposta simpática impede ao outro a penetração através da superfície da aura; mas tão logo se apresente essa reação simpática, então as auras se harmonizam enquanto os dois corpos estão envoltos numa mesma concha áurica e é dessa união que provêm as virtudes do intercâmbio sexual, isto é, da proximidade e não do orgasmo. E, da mesma maneira, na ausência desse intercâmbio de forças vitais, reside o mal da masturbação.

Pode-se impedir que as forças vitais entrem no plano físico, formando um conduto para elas nalgum dos planos sutis e obrigando-as a fluir por ele, mas é impossível fechar todas as comportas e impedir o excesso de pressão. As forças vitais se dirigirão sempre para o foco de atração. Se nos encontramos no mental, fluirão para a mente, e o corpo físico

permanecerá tranquilo; mas, se nossos pensamentos se dirigem para os órgãos sexuais, as forças vitais logo farão sentir ali a sua presença. Por conseguinte, se não quisermos que as forças vitais fluam para esses órgãos, podemos consegui-lo efetivamente mantendo nossos pensamentos apartados desse aspecto de nossa natureza. Trata-se simplesmente de uma questão de controlar o pensamento, e a quem não haja alcançado esse poder, será imprudente envolver-se na busca do ocultismo prático.

Finalmente, para resumir a atitude esotérica no tocante à prevenção da concepção, os contraceptivos são preferíveis às enfermidades nervosas. Mas o domínio do pensamento e a direção das forças vitais por condutos em que possam realizar um trabalho criador, em vez de seguirem por aqueles em que seriam malbaratadas, é o melhor método de encarar o problema e deve ser o objetivo a que todos devemos aspirar. Contudo, enquanto não se alcançar essa meta, é melhor deixar que as forças excessivas sigam seu curso natural, evitando que a mulher conceba mediante o emprego de sistemas anticonceptivos inoperantes. Entre dois males temos que escolher o menor, e é muito melhor malbaratar alguma força vital do que deixar que se transforme em corrupção.

O aborto significa o assassinato de uma criança que ainda não nasceu e só se pode justificar para salvar a vida da mãe. Deve-se ter presente que a vida penetra no óvulo no momento da fertilização, e que nem por ser microscópico deixa de ser esse óvulo o veículo de uma alma vivente. O ego que se encarna fica ligado por laços muito sutis ao óvulo cuja fertilização presidiu e seria afetado por qualquer dano que se fizesse a seu veículo físico, por mais imaturo que ele seja. Sem dúvida, o dano será muito mais sério uma vez vivificado esse óvulo, pois é nesse momento que o ego entra em seu veículo, em vez de se limitar a flutuar sobre ele como antes, fato reconhecido pelas próprias leis ordinárias.

Um ego que já começou a encarnar-se e que é violentamente repellido sofre um choque muito severo e, conseqüentemente, sofre, sem falar da perda de tempo que se lhe causou, porque o nascimento não é, nem de longe, uma coisa tão simples como a morte.

Quando duas pessoas se entregam ao ato da procriação sela-se um trato que inclui o direito de entrada a um ego que deseje encarnar por intermédio deles; e se tal ego se aproveita dessa oportunidade, comete-se um grave delito contra essa alma ao se lhe destruir o veículo inicial. E, caso se empreguem meios anticonceptivos injustificáveis para recusar a entrada às almas que queiram renascer, então essas pessoas deixam de cumprir suas obrigações para com o Senhor e Doador da Vida.

RELAÇÕES SEXUAIS PROMÍSCUAS E USOS ANTI-NATURAIS DAS FUNÇÕES SEXUAIS

Os ocultistas não consideram levianamente as relações sexuais promíscuas porque conhecem perfeitamente as consequências que produzem nos planos internos e as causas que se põem em movimento nos mundos invisíveis.

O verdadeiro valor da relação sexual só pode ser conseguido mediante a união de todos os sete veículos do homem, e essa não é uma tarefa para uma só vida, mas, para uma evolução. As amizades ternas, a simpatia intelectual e as ideias espirituais todas devem ser unidas, e esta consumação não pode ser realizada senão mercê de longos anos de íntima companhia. A união sexual accidental e efêmera não é capaz de captar mais que os sentidos e impede a formação de qualquer união mais profunda, porque em cada nova relação tem que se começar tudo de novo. Nunca podemos alcançar os planos mais elevados senão pela fidelidade.

Cada vez que nos pomos em contato íntimo com uma alma como se faz durante a união sexual, cria-se um vínculo kármico e passa a existir uma relação entre ambos durante um tempo considerável. Portanto, não é demais perguntar-se em que condições estamos criando uma relação quando realizamos essa união. As forças psíquicas que encontram acesso na consciência racial pelo conduto aberto num prostíbulo serão benéficas para a alma ao penetrar em suas profundidades mais recônditas? Se estas considerações fossem mais conhecidas, serviriam para refrear as ações daqueles que ignoram o fato de que sua sensualidade impinge à sociedade uma casta de párias a que se nega tudo o que torna a vida digna de ser vivida.

No que respeita às formas anormais da sexualidade, não se costuma escrever sobre elas senão nas obras destinadas à classe médica, mas é imprescindível nos referirmos às mesmas aqui, já que constituem, conjuntamente com o poder de certas drogas que afetam a consciência, parte dos elementos da magia negra. Os objetivos de um estudante de ocultismo certamente não podem ser os de se arrojar, pela astúcia mística, a uma teia de degradação, e todo aquele que buscar ser iniciado numa fraternidade de ocultistas faria muito bem em observar cuidadosamente seu ambiente, pois nem todas as fraternidades servem os mais elevados interesses da humanidade.

A Senda da Iniciação não é um objetivo científico, mas uma religião, e só os puros de coração podem conhecer a Deus. Todo desvio da mais estrita moral é um sinal de perigo, e o neófito deve evitar todo ocultista cuja vida não se ache acima de qualquer reprovação. O Reino dos Céus não pode ser obtido ao preço da dignidade de um homem ou de uma mulher, nem tampouco podemos esperar alguma iniciação de valor aliando-se ao mal. Se uma Loja não está suficientemente imbuída de elevados ideais para repelir os impuros, fique longe dela.

Um ocultista pode dedicar-se deliberadamente ao mal ou, por ignorar as forças que está manipulando, pode cair nas mãos do mal, e em ambos os casos ele é um perigo para o neófito. Não existem atualmente, na Tradição Esotérica Ocidental, muitas pessoas que sejam deliberadamente más, pelo menos no que respeita às Lojas inglesas; mas existem muitíssimos que são espantosa e vergonhosamente ignorantes no concernente ao que pretendem ensinar, e são tão ou mais perigosos que um malvado, que este se pode comprar ou amedrontar, enquanto que não há meio de se lidar com um tonto ignorante.

Onde quer que se faça intervir o sexo ou as drogas, aí há perigo. O verdadeiro ocultista avança para o conhecimento das coisas ocultas pela

intuição espiritual que se obtém mediante o estudo, a disciplina e a pureza de vida.

As perversões sexuais, no concernente ao ocultismo prático, podem ser divididas em duas classes: a estimulação solitária dos órgãos sexuais e a estimulação mútua por duas pessoas do mesmo sexo.

No primeiro caso, inflige-se um dano ao sistema nervoso porque há um desperdício de energia que não é compensado pelo retorno de uma quantidade equivalente por intermédio do corpo etérico, como o temos descrito no capítulo precedente. Ademais, a energia assim derramada se dissolve no espaço, não retornando à Divindade na forma em que o deveria. E como ocorre quase sempre, esse ato vai acompanhado de fantasia, criam-se formas mentais nos planos inferiores dos mundos invisíveis e essas formas podem ser animadas por potências maléficas, que as põem em atividade por sua própria conta e as fazem flutuar nas vizinhanças do lugar onde foram criadas, influenciando não só a atmosfera como também todas as pessoas que entrem em contato com ela, levando-as à sensualidade. Tais formações mentais constituem os incubos e súcubos das lendas medievais.

Quanto à estimulação sexual entre pessoas do mesmo sexo, este é um dos meios mais conhecidos, em conjunção com o ritual adequado, para provocar o desenvolvimento oculto. Foi praticado nos mistérios de todas as raças e idades nos períodos de decadência, como o mostram as crônicas dos etnólogos e historiadores. Por essa forma, provocam-se duas correntes de energia do mesmo tipo, que, naturalmente, não encontram canais de retorno, pois que ambos os veículos são da mesma polaridade. Por esse motivo, essas forças podem ser utilizadas com fins mágicos; daí o amplo uso que se faz das práticas comumente chamadas de obscenas como uma das formas mais fáceis de se obter o poder.

Falta de escrúpulos semelhante se observa quando se empregam drogas com o intuito de desenvolver a clarividência.

Estas coisas podem ser feitas, mas sempre com um preço a pagar, e esse preço é que as pessoas implicadas em tais experiências têm que se entregar sem reservas ao mal, porque, se tentarem libertar-se desse hábito, acontecerá o que os psicólogos chamam de conflito, seguindo-se a loucura.

É mais do que trágico o fato de se usarem perfidamente jovens rapazes nas práticas da magia negra. O público não costuma perceber o significado de certos escândalos que continuam a produzir-se seguidamente, e por isso não os encara com a devida seriedade.

ABSTINÊNCIA E ASCETISMO

As pessoas abstêm-se das relações sexuais por três motivos: primeiro, por não se encontrarem em situação de arcar com as obrigações delas decorrentes; segundo, porque o sexo lhes inspira nojo e, terceiro, por acreditarem que o ascetismo é a senda da espiritualidade.

Com relação ao primeiro motivo, cabe à consciência de cada um ser o árbitro, e preferir alguém sacrificar-se a causar dano a outrem significa um passo adiante na senda da espiritualidade, ainda que se sinta impulsionado a agir assim por um erro de julgamento. Com relação ao segundo motivo, trata-se antes de um problema para o médico, pois um ser humano sadio não pode sentir tal repulsa, que não é um sintoma de espiritualidade mas de morbidez. Só uma mente sã constitui uma base sólida para o desenvolvimento espiritual. As mentalidades doentias que, quando arrebatadas pelas ambições espirituais, é que criam coisas monstruosas como a Santa Inquisição ou as Moradas do Amor. Com relação ao terceiro motivo, é necessário falar mais extensamente, pois a austeridade física sempre tem sido considerada pelos teólogos como uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento espiritual. É em verdade um pensamento surpreendente crer que podemos louvar a Deus condenando suas obras, porque, se ele aborrecia o sexo, por que o criou? Os antigos Padres da Igreja reagiram contra a grosseria de um paganismo degenerado, de que estavam rodeados e opuseram assim um extremismo ao outro. Aterrorizados pela libertinagem, refugiaram-se no ascetismo. São muito poucas as pessoas capazes de transcender a civilização em que nasceram, e muitas doutrinas são baseadas mais nos costumes de um tempo do que em princípios universais, e por isso não tardam em desaparecer junto com os homens para os quais foram moldadas.

Na atualidade, as relações sexuais mesmo as mais terrenas, são muito diferentes do que eram nos séculos em que a Igreja foi formando suas tradições. O amor humanizado do homem e da mulher, do qual a paixão física é apenas uma parcela, não era precisamente o aspecto sexual que recebeu a condenação dos primeiros Padres, mas sim o cultivo dos instintos animais a ponto de se valorizar mais o animal do que o humano.

O ocultista encontra na doutrina dos sete planos a solução do problema. Para ele, cada plano tem seu lugar e sua função sendo a do segundo plano tão importante quanto a do sétimo. Sem o devido desenvolvimento de cada um dos aspectos dessa natureza sétupla, o ser humano não pode ser perfeito: a causa do mal são os desvios e a falta de proporção. Não deve existir solução de continuidade na linha do desenvolvimento espiritual. Um corpo físico sã e um corpo de desejos sadio têm que ser a base de uma mente sã: do contrário não haverá clareza de visão espiritual. A iniciação vai abrindo os diferentes níveis, um por um, plano por plano, e não esquece nenhum deles; e, a menos que o ser humano tenha desenvolvido dentro de si mesmo as faculdades que funcionam em cada plano, perderá seu significado e fracassará ao tratar de produzir o acorde completo.

O esoterista distingue-se dos teólogos ao sustentar que deve haver um pleno desenvolvimento de todos os aspectos da natureza humana e que esta deve ter plena capacidade para todas as suas funções, mas concorda com o teólogo ao afirmar que em certos aspectos da vida superior não há funções sexuais. Ele reprime, contudo, o exercício de tais funções, não por considerá-la um pecado, mas porque ele precisa dessas energias para outros fins.

A chave do ascetismo esotérico é a concentração da energia e não a fuga do mal, porque o esoterista sustenta que nada do que Deus fez pode ser

mau, senão bom, em seu devido tempo e lugar, e portanto, bom para ele também, por mais elevadas que sejam as suas aspirações em determinadas fases de seu desenvolvimento. Ele acredita que o ser humano deve ser plena e nobremente humano antes de poder converter-se em super-humano. Seu ascetismo é praticado dirigindo as forças vitais para os planos onde as necessita e inibindo-as nos planos onde não as necessita no momento, não porque seja mau o seu uso, mas porque seria um desperdício. Para tanto, ele necessita do mais completo domínio de si mesmo, domínio tão completo que não tenha necessidade de reprimir seus desejos porque não deve senti-los. Enquanto ele não tiver adquirido esse domínio, não será capaz de controlar as forças dos planos internos, as quais, se colocadas prematuramente em suas mãos, poderiam voltar-se contra ele e despedaçá-lo. Daí o segredo dessas forças, porque no plano da mente um pensamento é uma coisa e um estado de ânimo, um lugar.

CONCLUSÃO

Para o esoterista, o sexo em sua sétupla finalidade tem muitíssimo maior significado que para o comum da humanidade, para quem ele é mais uma tentação do que uma fonte de energia. O ocultista vê as forças vitais funcionando em polaridade em cada plano de existência, sendo para ele tão sagradas quando operam nos planos elevados como quando operam nos planos inferiores. Ele trata esta questão sem temor e até com familiaridade, coisa que não sucede entre os demais, mas controla-a com um rigor mais raro ainda.

Nestas páginas procuramos demonstrar aos leitores que os aspectos superiores da natureza sexual são essenciais para o desenvolvimento do homem perfeito, pondo-os ao mesmo tempo de guarda contra os perigos a que o uso ignorante dessas forças invisíveis pode expor.

Ao grande cataclismo por que passamos recentemente (A guerra mundial de 1914-1918) seguiu-se um grande interesse pelas ciências ocultas. Muitos são os que buscam esses estudos guiados por sua sede de sensações novas, mas é maior o número dos que buscam neles uma orientação espiritual; eles desejam uma rocha firme, em meio às agitadas águas das aparências e opiniões; sua natureza superior necessita do alimento que ela não pode encontrar no mundo dos homens e das coisas; eles buscam, mas não sabem o que buscam.

A esses todos podemos dizer: Em todas as idades os homens têm buscado e alguns o têm encontrado; há uma porta através da qual podemos alcançar os planos superiores, mas essa porta está dentro da alma. Trata-se de uma expansão da consciência, mercê da qual nos é dado perceber as coisas para as quais estamos até agora cegos, e graças a essa percepção alcançamos o sentido de realidade de que carecemos enquanto não formos capazes de perceber mais que as meras aparências. Quem adquire essa sabedoria mais ampla livra-se das limitações dos cinco sentidos físicos; sua memória avança além do nascimento e suas esperanças vão além da morte; ele pode perceber as causas e, portanto, tem o dom da profecia e, percebendo, ele pode muitas vezes controlar essas causas.

Havendo desenvolvido harmoniosamente todos os aspectos de sua natureza, ele se identifica com todos os aspectos do Universo. Nada lhe é estranho e nenhuma forma de existência lhe é hostil. A senda da Vida está aberta diante dele, e ele a percorre cheio de gozo. Eu, que escrevi estas coisas conheço-as bem.

FIM